



**Universidade do Estado do Rio de Janeiro**

Centro de Educação e Humanidades

Instituto de Psicologia

Marcia Soares da Silveira Werneck

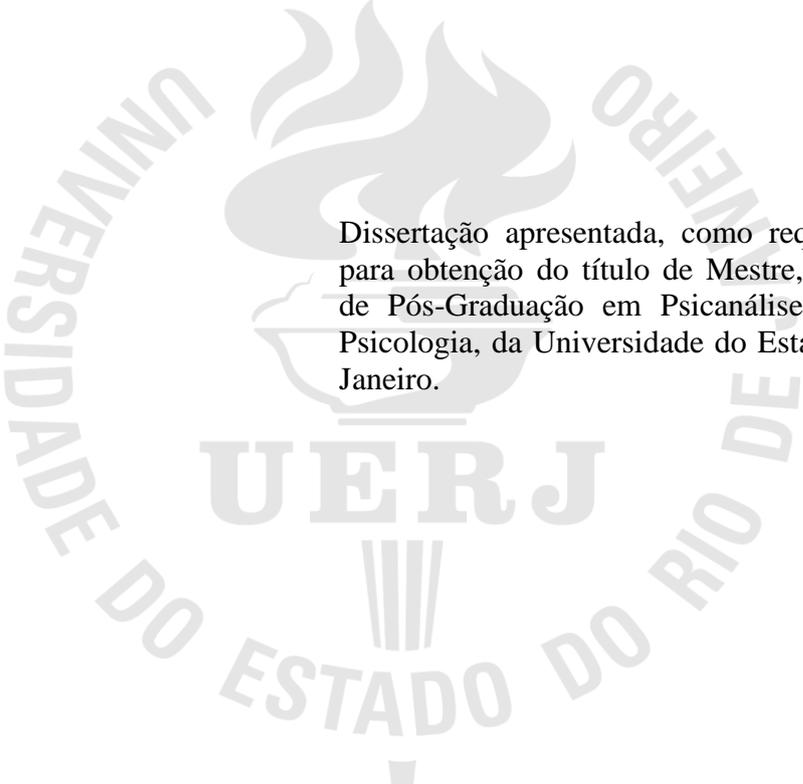
**Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan**

Rio de Janeiro

2015

Marcia Soares da Silveira Werneck

**Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan**



Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise. Instituto de Psicologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Orientador: Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba

Rio de Janeiro

2015

CATALOGAÇÃO NA FONTE  
UERJ / REDE SIRIUS / BIBLIOTECA CEH/A

W491	<p>Werneck, Marcia Soares da Silveira. Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan / Marcia Soares da Silveira Werneck. – 2015. 80 f.</p> <p>Orientadora: Vinicius Anciães Darriba. Dissertação (Mestrado) – Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia.</p> <p>1. Psicanálise – Teses. 2. Sublimação – Teses. 3. Narcisismo – Teses. 4. Masoquismo – Teses. I. Darriba, Vinicius Anciães. II. Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Psicologia. III. Título.</p>
es	CDU 159.964.2

Autorizo, apenas para fins acadêmicos e científicos, a reprodução total ou parcial desta dissertação, desde que citada a fonte.

---

Assinatura

---

Data

Marcia Soares da Silveira Werneck

**Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan**

Dissertação apresentada, como requisito parcial para obtenção do título de Mestre, ao Programa de Pós-Graduação em Psicanálise, Instituto de Psicologia, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

Aprovado em: 14 de julho de 2015.

Banca Examinadora:

---

Prof. Dr. Vinicius Anciães Darriba (Orientador)  
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise – UERJ

---

Prof. Dr. Marco Antonio Coutinho Jorge  
Programa de Pós-Graduação em Psicanálise – UERJ

---

Prof.Dr. Denise Maurano Mello  
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro - UNIRIO

Rio de Janeiro

2015

## **DEDICATÓRIA**

A meus filhos, Juliana e Daniel

## AGRADECIMENTOS

Ao meu orientador, Prof. Vinicius Darriba, pela acolhida e excelente orientação, apontando os melhores caminhos, dando estímulos e somando recursos para o desenvolvimento deste trabalho

A psicanalista Inês Ribeiro, testemunha, por tantos anos, de meus encontros e desencontros nos caminhos do desejo, e que muito me incentivou nesse percurso.

Ao Prof. Marco Antonio Coutinho Jorge pela generosidade na transmissão de seu saber, tanto no Corpo Freudiano Escola de Psicanálise, quanto em suas aulas no mestrado.

A Prof. Denise Maurano que tão gentilmente aceitou fazer parte de minha banca, enriquecendo meu estudo com suas observações e indicações de pesquisa.

Aos professores do curso de mestrado da UERJ, pelos ensinamentos na transmissão da psicanálise, dentro e fora de sala de aula.

A minha família pela paciência com os meus estudos.

Aos meus colegas de mestrado, pelo companheirismo e pelo inegável apoio quando necessário.

Aos meus colegas do Corpo Freudiano que tanto me estimularam e me incentivaram nesse projeto.

A UERJ, porque sem ela não poderia ter realizado esta conquista.

A todos aqueles, que embora não citados nominalmente, contribuíram direta e indiretamente para a execução deste trabalho.

[...]Meu verso é sangue , volúpia ardente  
Tristeza esparsa , remorso vão  
Dói-me nas veias amargo e quente  
Cai gota à gota do coração.

E nesses versos de angústia rouca  
Assim dos lábios a vida corre  
Deixando um acre sabor na boca

Eu faço versos como quem morre[...]  
*Manoel Bandeira*

## RESUMO

Werneck, Marcia. *Pulsão de morte e sublimação em Freud e Lacan*. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

A sublimação sob a dimensão da pulsão de morte é um tema que desperta muitas questões. Lacan em seu seminário sobre a ética, onde encontramos a maior parte de sua teoria da sublimação, faz com que esses dois conceitos se impliquem numa aproximação lógica. Na reflexão lacaniana, encontramos a sublimação como um destino pulsional que sustenta, no interior da obra, a própria essência da pulsão, no que ela é virtualmente pulsão de morte. Ou seja, a satisfação na sublimação é a satisfação com o objeto que mostra sua perda, imprimindo aí o ponto vazio da Coisa. Para Freud, inicialmente a sublimação poderia ser uma conciliação entre sujeito e cultura, entre o singular e o universal, dentro de uma lógica de reconhecimento, no entanto seus textos posteriores demonstram a impropriedade dessa ideia. O mal-estar ao qual estamos destinados não coaduna com uma promessa de felicidade. Pois Freud, como Lacan enfatiza, lida diretamente com as potências de vida que desembocam na morte, com as potências que emanam do conhecimento do bem e do mal, onde o princípio do prazer, que domina o psiquismo desde o início, será sempre eficaz, mesmo em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo.

Palavras-chave: Sublimação. Pulsão de morte. Narcisismo. Masoquismo primário. Denegação. Recalque.

## RÉSUMÉ

Werneck, Marcia. *La pulsion de mort et la sublimation chez Freud et chez Lacan*. 2015. 80 f. Dissertação (Mestrado em Psicanálise) – Faculdade de Psicologia, Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2015.

La sublimation sous la dimension de la pulsion de mort c'est un sujet qui suscite des nombreuses questions. Lacan dans son séminaire sur l'éthique, où l'on retrouve la plupart de sa théorie sur la sublimation, rend ces deux notions en impliquant une approche logique. Dans la réflexion lacanienne, nous trouvons la sublimation comme un destin pulsionnel qui soutient, dans l'intérieur de l'oeuvre, au sein de l'essence même de la pulsion, car elle est virtuellement pulsion de mort. Satisfaction à-dire dans la sublimation c'est la satisfaction avec l'objet qui montre sa perte, puis en imprimant le point vide de la Chose. Et si, pour Freud, la sublimation, au d'abord pourrait être un rapprochement entre le sujet et la culture, entre le singulier et l'universel, dans une logique de reconnaissance, cependant dans ses textes ultérieurs, ils montrent l'insuffisance de cette idée. Le malaise lequel nous sommes destinés n'est pas cohérent à une promesse de bonheur. Lacan souligne que Freud aborde directement le potentiel de vie qui conduit à la mort, avec la puissance qui émane de la connaissance du bien et du mal, où le principe de plaisir, qui domine le psychisme depuis le début, c'est toujours efficace même en contradiction avec le monde entier, à la fois le macrocosme et le microcosme.

Mots-clés: Sublimation. Pulsion de mort. Narcissisme. Masochisme primaire. Dénégation. Refoulement.

## SUMÁRIO

INTRODUÇÃO .....	9
1 A TEORIA PULSIONAL .....	13
1.1 O primeiro dualismo pulsional: A fome e o amor são o que move o mundo .....	18
1.2 Pulsão e os dois princípios de funcionamento psíquico.....	19
1.3 Os quatro destinos pulsionais .....	23
1.4 Sobre o narcisismo: uma introdução ao segundo dualismo pulsional .....	28
1.5 O segundo dualismo pulsional: a oposição entre o amor e a discórdia .....	33
2 PULSÃO DE MORTE: O OBJETIVO DE TODA VIDA É A MORTE .....	36
2.1 A fusão e a des fusão pulsional na economia do masoquismo .....	42
2.2 A pulsão de morte e a repetição .....	44
2.3 O conceito de pulsão de morte: conceito fundamental no seminário sobre a ética em Lacan .....	48
3 A SUBLIMAÇÃO.....	51
3.1 Sublimação e idealização .....	61
3.2 Sublimação e recalque.....	62
3.3 Die Verneinung e a sublimação .....	64
4 O ENCONTRO DA SUBLIMAÇÃO COM A PULSÃO DE MORTE EM FREUD E LACAN .....	67
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	74
REFERÊNCIAS .....	77

## INTRODUÇÃO

Esta pesquisa tem como objeto de estudo, sob o ponto de vista da teoria psicanalítica, a articulação entre a pulsão de morte e a sublimação. Assim como na obra do criador da psicanálise, Sigmund Freud, a importância destes dois conceitos também é essencial no ensino de Jacques Lacan, sendo esses dois autores, a base de nosso estudo.

O que nos levou a este tema foi o desejo de investigar como esses dois conceitos se articulam, tanto na teoria quanto na clínica psicanalítica, tendo em vista todas as dificuldades e paradoxos implicados nesses dois postulados e, por conseguinte, nessa articulação. Tanto o conceito de pulsão de morte, como o de sublimação, ora se apresentam de maneira que nos leva a uma compreensão, ora de forma enigmática, nos suscitando muitas questões e dúvidas. Despertados pela maneira como Lacan os aborda em seu Seminário sobre a ética, seminário este que na obra lacaniana trabalharemos mais exhaustivamente, fomos aos textos freudianos para identificar onde o autor aproxima essas duas noções. Investigamos de que maneira elas aparecem em sua teoria e quais as implicações com o conjunto do corpo teórico e clínico.

Desta forma, faz-se necessário, inicialmente, percorrermos o desenvolvimento teórico na obra de Freud, no que diz respeito ao conceito de pulsão, sua articulação com postulados fundamentais, e as mudanças teóricas que ocorreram. Assim, buscamos acompanhar o que levou o autor à criação do conceito de pulsão de morte e onde, em sua teoria, podemos constatar a relação entre esse conceito e a sublimação. Para trilharmos esse caminho, é de extrema importância situarmos conceitos que contribuem para o entendimento do escopo teórico do tema central do presente estudo. Podemos ressaltar, ainda, como alguns dos postulados imprescindíveis para compreensão da questão central de nossa pesquisa, o ensaio sobre o narcisismo, a noção de masoquismo primário, a denegação e o conceito de recalque. Portanto, trataremos em nosso estudo os temas supracitados.

Abordaremos também ambos os conceitos no ensino de Lacan, principalmente na forma com a qual o psicanalista parisiense os desenvolve em seu *Seminário, livro 7: a ética da psicanálise* (1959-60). Para Lacan, “toda pulsão é virtualmente pulsão de morte” (LACAN, 1966/1998, p.863), operando a partir de um monismo pulsional, diferente de Freud que preservou por toda sua obra o dualismo pulsional.

Ao longo de nosso estudo podemos identificar pontos de concordâncias e divergências entre os dois autores (aspecto de extrema relevância para nossa pesquisa), como exemplo a concepção dada à dimensão de destruição da pulsão de morte que é abordada por ambos os

autores, sendo que em Lacan essa “força desintegradora da pulsão de morte é direcionada não para a integridade do organismo biológico, como Freud tinha concluído, mas para a coerência imaginária do ego” (BOOTHBY, 2002/2000, p.151). A diferença entre os dois autores, no que concerne à pulsão de morte, aparece de forma expressiva na implicação clínica. Se em Freud a compulsão à repetição, como manifestação da pulsão de morte, aparece como um limite à clínica, em Lacan essa dimensão pulsional vai ser o centro da reflexão clínica, quando por exemplo o autor afirma que “o subjetivo é algo que encontramos no Real” (LACAN, 1971/2011, p.87) e “A pulsão de morte é o Real enquanto aquilo que só pode ser pensado como impossível” (LACAN, 1976/2005, p.121). Desse modo, pretende-se abordar na presente pesquisa tais questões e como elas nos levam a envolver esses dois conceitos, sublimação e pulsão de morte, que entendemos como noções intrinsecamente ligadas, sobretudo, no que diz respeito à dessexualização.

Procederemos de forma similar no desenvolvimento do estudo da sublimação. Assim como com o conceito de pulsão de morte, percorreremos na obra freudiana a noção dessa vicissitude pontuando como podemos apreender a aproximação desses dois postulados. Já em Lacan, que em seu Seminário 7 apresenta grande parte de sua teoria sobre a sublimação, procuraremos investigar como esses dois conceitos estão implicados, e porque podemos afirmar que pensar em sublimação é pensar também na questão da pulsão de morte.

Em 1979, o psicanalista Michel Silvestre inicia um artigo, publicado na *Ornicar?* sobre a sublimação, ressaltando que a imprecisão e a incoerência que dominam os textos psicanalíticos que tratam desse tema justificam nos perguntarmos se podemos realmente considera-la como um conceito psicanalítico. A inexistência de textos específicos marcou essa noção com uma certa obscuridade, dando muitas vezes a impressão de uma ambiguidade em sua definição. Como, por exemplo quando Freud explicita em 1915 ser a sublimação um dos avatares da pulsão sexual, podemos fundamentar a hipótese de ser a dessexualização sua principal característica?

Como anteriormente mencionado, o ponto de partida de nossa pesquisa consistirá em buscar o que levou Freud a rever sua teoria pulsional, teoria da sexualidade humana por excelência e introduzir uma nova dimensão. Uma extensa elaboração teórica sobre o conceito de pulsão foi sustentada por Freud por duas décadas até a produção do artigo de 1920 em que introduz pela primeira vez o conceito de pulsão de morte.

Freud, em toda sua obra, trabalha com a ideia de conflito e definiu, nas suas proposições teóricas, conceitos a partir dessa perspectiva, de pares antitéticos, como: energia livre - energia ligada, processo primário - processo secundário, princípio de prazer - princípio de

realidade, princípio de inércia - princípio de constância. Podemos considerar, em sua teoria, a dimensão de conflito mais basal e mais radical a que existe no interior da esfera pulsional. Se num primeiro dualismo pulsional o conflito é entre as pulsões sexuais e as pulsões de auto conservação, no segundo dualismo, que mantém até o fim, será entre pulsões sexuais e pulsão de morte.

Embora a sexualidade, em Freud, seja a essência das pulsões ela não é exclusiva. Desde o *Projeto para uma psicologia científica* (1895), o psicanalista vienense já falava das urgências da vida, *Not des Lebens*, no caráter conservador e na força constante das pulsões. Separava duas formas de energia, as libidinais, própria da sexualidade e as outras formas de energia que seriam de auto conservação. Como já mencionamos acima e como detalharemos melhor no desenvolvimento da pesquisa, Freud, em sua primeira proposta de um dualismo pulsional, identificou o conflito existente ente pulsões sexuais e pulsões de auto conservação ou pulsões do eu. Tal dualismo foi abalado a partir da constituição do conceito de narcisismo, o que permitiu ao autor reconhecer que as pulsões do eu também eram de natureza libidinal: eram pulsões sexuais que haviam tomado por objeto, ao invés dos objetos exteriores, o próprio eu. Desse modo, a partir dessa conclusão, torna-se impossível manter a separação entre as duas categorias pulsionais, das quais a psicanálise se serviu por duas décadas. Essa elaboração freudiana constitui um de seus mais importantes artigos, *Sobre o narcisismo: uma introdução*, de 1914. É nesse artigo que Freud traça a nova distinção entre libido do eu e libido objetal, desenvolvendo mais profundamente as relações entre o eu e o os objetos externos, abalando de forma decisiva a teoria das pulsões vigente até então. Entretanto, mesmo revelando a impropriedade da divisão anterior entre as categorias pulsionais, o autor conserva a visão de um conflito dualista por razões clínicas e teóricas. O conceito de recalque, pedra fundamental da teoria freudiana, pressupõe uma divisão básica nas operações psíquicas que destacam uma dimensão conflituosa. A partir dessa análise, podemos observar que o fenômeno de opostos é marcante na elaboração teórica do psicanalista onde proliferam confrontos entre ativo e passivo, masculino e feminino, amor e fome e, depois da guerra, entre vida e morte.

Para Lacan a dimensão da pulsão de morte, em seu Seminário intitulado *a ética da psicanálise*, dos anos de 1959-60, abre-se em uma outra perspectiva, a criacionista, ou seja, a criação a partir do *ex-nihilo*, a criação oriunda do nada. Nessa concepção Lacan implica o conceito de sublimação, quando revitaliza o problema da dessexualização a fim de insistir na estrutura particular do objeto nesse processo. O autor destaca que, na sublimação, o objeto deixa de ser um polo imaginário de projeções narcísicas para ser exposição daquilo que é não

idêntico ao sujeito. O psicanalista parisiense situa, na sublimação, a diferença entre objeto e *das Ding*, lançando mão de seu famoso aforismo – *a sublimação é a elevação do objeto à dignidade da Coisa*.

Sobre as bases indicadas acima desenvolvemos a presente dissertação, que estará assim estruturada:

O primeiro capítulo é dedicado ao estudo da teoria pulsional. Como Freud estabelece seu primeiro dualismo, articulado a postulados fundamentais, como os princípios e os processos fundamentais do funcionamento psíquico, a importância dos elementos e das vicissitudes pulsionais. A importância dos estudos sobre narcisismo na elaboração do segundo dualismo pulsional, e como este se estruturou a partir dessa nova concepção do conflito pulsional, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte em 1920.

O segundo capítulo é dedicado à pulsão de morte, tanto em Freud como em Lacan, neste último mais especificamente em seu Seminário 7. Em Freud são abordados: a importância da nova teoria pulsional na elaboração da segunda tópica, a noção de supereu e a relação do masoquismo com a ideia da pulsão de morte.

O terceiro capítulo apresenta o estudo sobre o conceito de sublimação. São privilegiados a diferença entre esse conceito e o de idealização e como essa noção se articula com o recalque e com a denegação.

No quarto e último capítulo busca-se a convergência de todo o estudo que fizemos, fundamentando os dois conceitos centrais de nossa pesquisa. Aqui discorreremos sobre como é possível situar a articulação, tanto na teoria quanto na dimensão clínica, da pulsão de morte e da sublimação em Freud e Lacan.

## 1 A TEORIA PULSIONAL

*Trieb* é um conceito fundamental - *Grundbegriff* - da teoria psicanalítica. Em algumas traduções foi usado o termo instinto, o que pode incorrer em equívocos, como uma interpretação biologizante do termo. Na língua alemã existem os dois termos *Trieb* e *Instinkt* e são distintos. Em Freud encontramos nitidamente essa diferença. Quando Freud fala de *Instinkt* refere-se a um comportamento animal fixado por uma hereditariedade, adaptado a seu objeto, que se identifica em indivíduos de uma mesma espécie. No que concerne a *Trieb*, a tônica é na pressão, numa *Konstant Kraft*, uma força constante que proíbe qualquer assimilação a uma função biológica. Diferente da noção de *Instinkt*, portanto, no conceito de *Trieb* a acentuação incide no caráter irreprimível da pressão mais do que na fixidez do alvo e do objeto. A tradução desse termo para pulsão foi adotada em português a partir do francês, no qual *pulsion* era um arcaísmo, revivido pela psicanálise. Este termo substituiu quase completamente a palavra *instinct*, usada nas traduções francesas mais antigas. Jacques Lacan é enfático ao insistir no uso do termo pulsão, como por exemplo ao falar de sublimação: “Trata-se na sublimação de uma certa forma, diz-nos Freud, de satisfação de *Triebe*, que se traduz impropriamente por instintos, e que é preciso traduzir severamente por pulsões [...]” (LACAN, 1960/1988, p.139)

Nos textos de Freud constatamos sua preocupação em adotar termos que façam parte da linguagem coloquial. Em seu artigo *Análise Leiga* (1926) o psicanalista deixa isso claro ao se referir, por exemplo, aos termos usados em sua segunda tópica do aparelho psíquico. Ao adotar *Ich* (eu), *Es* (isso) e *Überich* (supereu), ele ressalta sua intenção de sempre usar expressões que são de uso corriqueiro, palavras que estão na fala de seus pacientes, como ele mesmo exemplifica: “Isso me trespassou” ou “havia alguma coisa em mim naquele momento mais forte do que eu” (FREUD, 1926/1974, p. 222). Aqui devemos fazer uma ressalva: a tradução inglesa optou por adotar os termos correspondentes em latim *Ego*, *Id* e *Superego*, decisão a qual, na época da tradução, Freud aparentemente não se opôs.

Desse modo, ao adotar o termo *Trieb*, que em alemão é um termo de uso coloquial, significando impulsão, Freud sustenta sua visão de que na teoria psicanalítica deve-se escolher termos que facilitem a compreensão, mesmo de quem seja leigo no assunto: “Na psicanálise, contudo, gostamos de nos manter em contato com o modo popular de pensar e preferimos tornar seus conceitos cientificamente úteis de preferência a rejeitá-los. [...] nossas

teorias devem ser compreendidas por nossos pacientes, que amiúde são muito inteligentes, mas nem sempre eruditos.” (FREUD, 1926/1974, p. 222)

Desde o *Projeto para uma Psicologia Científica* de 1895, Freud parte de uma concepção do aparelho psíquico segundo a qual existiria uma excitação interna, constante, que contrariava o princípio de inércia. Influenciado pela psicofísica de Fechner, para quem “os princípios gerais da psicofísica envolvem apenas a manipulação de relações quantitativas” (FREUD, 1895/1974, p.396), Freud procura definir os processos no domínio da excitação interna como uma força quantitativamente variável, onde essa energia, por meio de uma descarga, tenderia sempre a voltar a um ponto de equilíbrio. É no *Projeto* que podemos encontrar pela primeira vez o termo *Trieb*, quando Freud propõe a ideia de que o sistema *psi* está exposto a quantidades de excitação proveniente do interior do corpo (estímulos endógenos): “Aqui  $\Psi$  está à mercê de  $Q$  e é assim que no interior do sistema surge o impulso que sustenta toda a atividade psíquica. Conhecemos essa força como vontade – o derivado dos instintos (*Triebe*)” (FREUD, 1895/1974, p.421).

A partir dessa noção energética Freud elabora uma concepção econômica e dinâmica no que tange ao fator quantitativo de excitações impostas ao psiquismo. Mas é somente em 1905, em seu artigo *Três Ensaio Sobre a Teoria da Sexualidade*, que o psicanalista introduz em sua teoria o termo *Trieb*, pulsão, para definir essa força constante, *Konstant Kraft*. Partindo do reconhecimento da sexualidade infantil e da análise das perversões, nesse artigo, Freud mostra como o objeto da pulsão é contingente e seus alvos variáveis.

Na mesma linha do *Projeto*, supõe que surge dos órgãos somáticos (zonas erógenas), um tipo específico de excitação, a sexual. Assim, a pulsão seria o representante psíquico, *Psychische Repräsentanz*, de uma fonte endossomática de excitação. Portanto, seguindo suas pesquisas e observações clínicas, o criador da psicanálise desenvolve a teoria das pulsões baseada em princípios econômicos do funcionamento psíquico. O ponto de vista econômico visa permitir a Freud pensar na plasticidade própria a uma energia psíquica caracterizada, principalmente, pela sua capacidade em ser transposta, invertida (Freud usa, nestes casos, o termo *Verkehrung*), desviada, recalçada, em suma, deslocada de maneira aparentemente inesgotável. Princípio de deslocamento constante que leva Freud a caracterizar inicialmente a libido como energia que circula livremente, “energia livre” em relação àquilo que poderia barrar tal movimento, ou seja, em relação a sua ligação, *Bändigung*, através da subsunção a representações, *Vorstellungen* (SAFATLE, 2007).

Freud privilegia esta plasticidade pulsional em fenômenos ligados à sexualidade, demonstrando que esta, a sexualidade humana, não se deixa determinar por uma lógica

instintual, como a da reprodução ou da manutenção de uma espécie por exemplo, mas se manifesta de maneira fragmentada e polimórfica. A pulsão sexual, como descreve Freud nos *Três Ensaio*s, se compõe em pulsões parciais, *Partialtriebe*, que se definem por suas fontes e alvos, e incluem pulsões como a oral, anal, fálica. Porém, apesar de sua parcialidade, sob o ponto de vista econômico, Freud postula a existência da libido como uma energia única atribuída a essas pulsões.

É no ano de 1910 que Freud, ao contribuir a uma *Festschrift*<sup>1</sup> em homenagem a um de seus mais antigos amigos, um conhecido oftalmologista vienense, Leopold Königstein, escreve um artigo intitulado *A concepção psicanalítica da perturbação psicogênica da visão*, artigo este que descreve, numa carta a Ferenczi, como sendo simplesmente uma *pièce d'occasion*. Porém é aqui que enuncia a oposição que permanecerá essencial na sua primeira teoria das pulsões: pulsões sexuais X pulsões de auto conservação.

[...] uma parte extremamente importante é desempenhada pela inegável oposição entre os instintos que favorecem a sexualidade, a consecução da satisfação sexual, e os demais instintos que tem por objetivo a autopreservação do indivíduo – os instintos do ego. Como disse o poeta, todos os instintos orgânicos que atuam em nossa mente podem ser classificados como “fome” ou “amor”. (FREUD, 1910/1974, p. 200).

Durante a primavera e o verão de 1915 Freud empreende uma exposição, que pretendia ser completa e sistemática, de suas teorias psicológicas que resultaria em seus artigos metapsicológicos. Freud definia sua metapsicologia como uma psicologia que analisa as operações da mente a partir de três perspectivas: a dinâmica, a econômica e a topográfica. (GAY, 1988/2010, p.334). O ensaio introdutório desses artigos é o concernente às pulsões. Em *Triebe und Triebchicksale, Pulsões e seus destinos*, Freud ressalta, o que já havia apresentado no final da Seção III em seu exame do caso Schreber (1911), a pulsão como sendo um conceito fronteiro, situado entre o somático e o psíquico, significando que o estímulo que se origina no corpo alcança, através de uma *Vorstellungsrepräsentanzen*, de um representante da representação, o psíquico, “[...] um instinto nos aparecerá como sendo um conceito situado na fronteira entre o mental e o somático, como o representante psíquico dos estímulos que se originam dentro do organismo e alcançam a mente” (FREUD, 1915/1974, p. 142). Ao situar a pulsão, Freud distingue quatro elementos dela: a pressão (*Drang*), a finalidade ou alvo (*Ziel*), o objeto (*Objekt*) e a fonte (*Quelle*). Três desses termos já haviam

---

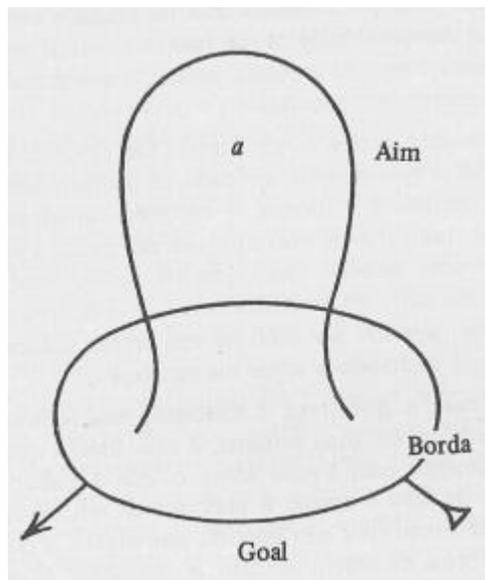
<sup>1</sup> O termo alemão **Festschrift** ou **Festschriften** é um livro que homenageia uma pessoa influente ou reconhecida, especialmente um/a pesquisador/a. Geralmente é lançado enquanto o homenageado é vivo. O termo pode ser traduzido como "livro de homenagem" ou "livro de celebração".

sido introduzidos nos *Três Ensaios*, somente *Drang*, pressão, é definido como o quarto termo em 1915. É interessante pensarmos que a estrutura da pulsão sendo uma estrutura de reviramento, de uma reversão fundamental, seja caracterizada por quatro elementos que por sua vez só possam ser definidos pela própria trajetória pulsional, ou seja, os termos que definem sua estrutura só a definem por serem *produzidos* por ela. Assim *Drang*, pressão, é a quantidade de força exercida ou a medida de exigência de trabalho para que a pulsão atinja seu alvo, ou seja, para que haja satisfação dessa pulsão. Essa pressão é comum a todas as pulsões e, como ressalta Freud, não se trata de uma *momentane Stosskraft*, uma força momentânea, mas sim de uma *Konstante Kraft*, uma força constante. *Drang*, a pressão, é a manifestação de uma tensão interna que não tem nenhuma relação com uma necessidade orgânica.

*Ziel* é a finalidade ou alvo da pulsão, que é sua *Befriedigung*, sua satisfação. Essa satisfação só pode se dar pela diminuição do estado de estimulação na fonte da pulsão, nunca pela eliminação desse estado, pois as pulsões sempre estabelecem uma tensão. Desse modo, essa satisfação será sempre parcial, visto que ela é força constante, sem dia nem noite, sem primavera e sem outono como sublinha Freud em seu artigo de 1905. O alvo da pulsão será sempre esse retorno em circuito. As pulsões podem ser intercambiadas, combinadas, deslocadas, inibidas em sua finalidade ou defletidas, processos que envolverão sempre uma satisfação parcial. Lacan ao descrever o que é da ordem da satisfação pulsional ressalta que o que entra em jogo aí é a categoria do impossível, pois o que se distingue na satisfação pulsional é o *Not* (a necessidade) do *Bedürfnis* (exigência pulsional), “nenhum objeto de nenhum *Not*, necessidade, pode satisfazer a pulsão” (LACAN, 1964/1985, p.159), e essa exigência pulsional não cessa.

O *Objekt*, objeto, é descrito por Freud como o elemento pelo qual a pulsão pode alcançar sua satisfação, “O objeto de um instinto é a coisa em relação à qual ou através da qual o instinto é capaz de atingir sua finalidade” (FREUD, 1915/1977, p.143). Porém, como foi ressaltado acima, uma satisfação será sempre parcial, pois nenhum objeto corresponde a uma exigência pulsional. Sempre haverá um *gap* entre a satisfação exigida e a satisfação obtida e o objeto em jogo será meramente contingente, indiferente e variável. O objeto em sua função essencial é aquilo que se furta a qualquer nível de captação, de assimilação, por não estar originalmente ligado à pulsão. É infinitamente substituível. Devemos ressaltar que o objeto *a* desenvolvido por Lacan, explora esta característica do objeto introduzido pela experiência freudiana. Podemos identificar o objeto *a* lacaniano, objeto causa de desejo, na medida em que o objeto “é apenas a presença de um cavo, de um vazio, ocupável, nos diz Freud, por não

importa que objeto, e cuja instancia só conhecemos na forma de objeto perdido” (LACAN, 1964/1985, p.170). O objeto é introduzido não como objeto que satisfará a uma pulsão, mas sim como o fato de que não há nenhum objeto capaz de satisfazê-la, é introduzido como falta de objeto, portanto a ideia de que a pulsão não o atinge, mas o contorna. “Ele não é introduzido a título de alimento primitivo, é introduzido pelo fato de que nenhum alimento jamais satisfará a pulsão oral, senão contornando o objeto eternamente faltante” (LACAN, 1964/1985, p.170).



O gráfico acima, exposto por Lacan em seu Seminário 11, em 1964, ilustra o circuito pulsional. Onde *aim* é o trajeto da pulsão que contorna o objeto representado pelo *a* e *goal* é o alvo, ressaltando a estrutura de borda da pulsão: “Se a pulsão pode ser satisfeita sem ter atingido aquilo, que em relação a uma totalização biológica da função, seria a satisfação ao seu fim de reprodução, é que ela é pulsão parcial, e que seu alvo não é outra coisa senão esse retorno em circuito” (LACAN, 1964/1985, p.170).

*Quelle*, a fonte pulsional é um processo somático que ocorre numa parte do corpo e cujo estímulo vai ter uma representação pulsional na vida psíquica: “É aí que está o elemento mais importante, o lugar da descoberta psicanalítica do papel sexual e de sua natureza” (JURANVILLE, 1984/1987, p.156). Freud ressalta que, embora as pulsões sejam inteiramente determinadas por sua origem somática na vida psíquica, só a conhecemos por suas finalidades. *Quelle* são as zonas erógenas da pulsão onde se inscreve a estrutura de borda pulsional. Freud localiza aqui a parte somática da pulsão que o permite defini-la, em 1915, como o que está entre o somático e o psíquico.

Freud, no decorrer de seu artigo metapsicológico de 1915, ao ressaltar a plasticidade e a capacidade vicariante das pulsões sexuais, distingue, em suas investigações, quatro vicissitudes fundamentais as quais uma pulsão pode ser submetida: reversão ao seu oposto, retorno em direção ao próprio eu, recalque e sublimação. No entanto, antes de comentarmos sobre os destinos pulsionais faz-se necessário situarmos o momento dentro da teoria em que tais formulações ocorreram.

### 1.1 O primeiro dualismo pulsional: A fome e o amor são o que move o mundo<sup>2</sup>

O primeiro dualismo pulsional postulado por Freud o acompanhou por duas décadas. Tal dualismo consiste na polarização das pulsões em dois grupos: as pulsões sexuais e as de autoconservação ou pulsões do eu. Embora a expressão pulsões de autoconservação só apareça a partir de 1910 a ideia de conflito entre as pulsões sexuais e outro tipo de pulsão já existia. Desde os *Três ensaios*, em 1905, em sua primeira elaboração teórica a respeito das pulsões, Freud descreve a relação das pulsões sexuais com as funções corporais vitais, onde estas funcionariam como apoio, *Anlehnung*, às pulsões sexuais. Essa função corporal vital forneceria à sexualidade a sua fonte ou zona erógena indicando-lhes um objeto. Portanto, a uma atividade vital se imprimiria uma atividade prazerosa, desencadeando uma escolha anaclítica de objeto. Como por exemplo o ato de sugar o dedo (uma atividade prazerosa), que revela a relação de apoio da atividade de sugar o seio materno (pulsão sexual) com a ingestão do leite, do alimento (pulsão de autoconservação). Porém, a respeito dessa hipótese freudiana, Lacan ressalta a inadequação da ideia de tratar essas funções vitais como pulsões de autoconservação, tendo em vista que elas estariam referidas ao nível da necessidade biológica, apresentando objetos invariáveis e preestabelecidos: “[...] longe de as pulsões sexuais virem a se apoiar naquelas de autoconservação, são estas que, na verdade, se apoiam naquelas: a especificidade do humano implica precisamente que o funcional seja subvertido de modo constante pelo pulsional” (JORGE, 2000/2011, p. 48). Porém seguindo o raciocínio freudiano em seu primeiro dualismo, as pulsões sexuais, que inicialmente teriam as pulsões de autoconservação como apoio, destas se destacam e assumem uma independência. A partir dessa distinção, dois polos pulsionais se constituem e entram em conflito, tendo em vista que,

---

<sup>2</sup> SCHILLER apud FREUD, 1926/1977, p. 228

regidas pelo princípio do prazer e sob uma pressão constante, as pulsões sexuais jamais se satisfazem a não ser parcialmente, tornando-se uma ameaça para o ego. O conflito psíquico, no primeiro dualismo pulsional, portanto, se estabelece entre pulsões sexuais e pulsões de autoconservação ou pulsões do ego. Esta polarização começará a ser revista, a partir de 1914, com a introdução ao narcisismo. Apesar de Freud ainda manter esses dois grupos opostos, aparece aqui uma nova vertente na direção das pulsões sexuais, que não somente visariam o objeto exterior, libido objetal, mas também o próprio ego, libido do ego. Trabalhamos mais adiante, de forma mais abrangente, esse assunto quando abordamos a introdução ao narcisismo em Freud, desenvolvemos o que nesse texto é relevante para essa dissertação.

## 1.2 Pulsão e os dois princípios de funcionamento psíquico

Quando Freud escreveu o artigo *Formulações sobre os dois princípios do funcionamento mental*, em 1911, tinha como tema principal fazer a distinção entre os princípios reguladores, princípio de prazer e princípio de realidade, que dominam respectivamente os processos psíquicos primário e secundário. Porém desde o *Projeto*, em 1895, essa tese já havia sido elaborada, sendo posteriormente examinada no capítulo VII da *Interpretação dos sonhos* em 1900. Freud parte do princípio de que existem dois modos de funcionamento da vida psíquica, definidos como processos primário e secundário. Fundamentando-se em sua primeira concepção tópica de 1900, onde apresenta o aparelho psíquico composto por três sistemas específicos: o inconsciente, o pré-consciente e o consciente, onde cada qual é definido por suas funções distintas e leis diferenciadas. Freud postula que, sob um ponto de vista topológico, o processo primário caracteriza o inconsciente enquanto o processo secundário caracteriza tanto o sistema pré-consciente quanto o consciente. Sob o ponto de vista econômico-dinâmico, enquanto que no processo primário a energia pulsional é livre, ou seja, circula livremente entre um representante psíquico e outro, passando pelos mecanismos de deslocamento e condensação, no processo secundário a energia pulsional está ligada a determinadas representações, a satisfação é adiada e a pulsão sofre diferentes destinos. A partir do estudo da formação dos sintomas e principalmente na análise dos sonhos, Freud evidencia o mecanismo próprio desses dois processos ressaltando o funcionamento do inconsciente em oposição aos processos de pensamento.

O processo primário esforça-se por ocasionar uma descarga de excitação a fim de que, com o auxílio da quantidade de excitação assim acumulada, possa estabelecer uma ‘identidade perceptiva’ [com a experiência de satisfação]. O processo secundário, contudo, abandonou esta intenção e tomou outra em seu lugar – o estabelecimento de uma identidade de pensamento’ [com aquela experiência] (FREUD, 1900/1974, p. 640)

A oposição entre processo primário e processo secundário é correlata à diferença entre o princípio do prazer e o princípio de realidade. A noção de princípio do prazer, na obra de Freud, é fundamental, é um conceito articulado ao longo de toda sua obra. O princípio do prazer é um princípio econômico na medida em que o desprazer significa o aumento da quantidade de excitação provocada por um estímulo e o prazer a sua redução. Este princípio, portanto, desde o início é apresentado como a tendência da energia pulsional à descarga resultando na obtenção de prazer. Este, nos diz Freud, seria o propósito dominante que rege o processo primário.

Consideramos que são os processos mais antigos, primários, resíduos de uma fase de desenvolvimento em que eram o único tipo de processo mental. O propósito dominante obedecido por esses processos primários é fácil de reconhecer, ele é descrito como o princípio de prazer-desprazer [*Lust-Unlust*] (FREUD, 1911/1974, p. 278).

Devemos levar em conta que é sob o ponto de vista da análise da estrutura neurótica que Freud estabelece os dois princípios do funcionamento da vida psíquica. Desse modo, enquanto que pulsões regidas sob o princípio de prazer escoam livremente a uma descarga imediata, um outro princípio aparece modificando o primeiro, transformando essa energia livre em ligada, o princípio de realidade. Este impõe-se como um princípio regulador, a satisfação pulsional já não se dá de forma imediata, essa satisfação é desviada, é adiada em função das exigências do mundo externo. Porém a passagem do princípio do prazer para o princípio de realidade não significa uma substituição, nem tampouco que o primeiro é suprimido pelo segundo, as pulsões sexuais continuam sob o domínio do princípio de prazer, circulando livremente no sistema inconsciente. Em *O Mal Estar na Civilização*, em 1930, Freud assinala que é o princípio de prazer que define o propósito da vida, é ele que domina o funcionamento do aparelho psíquico desde o início, “não pode haver dúvida sobre a sua eficácia, ainda que seu programa se encontre em desacordo com o mundo inteiro, tanto com o macrocosmo quanto com o microcosmo.” (FREUD, 1930/1974, p. 94).

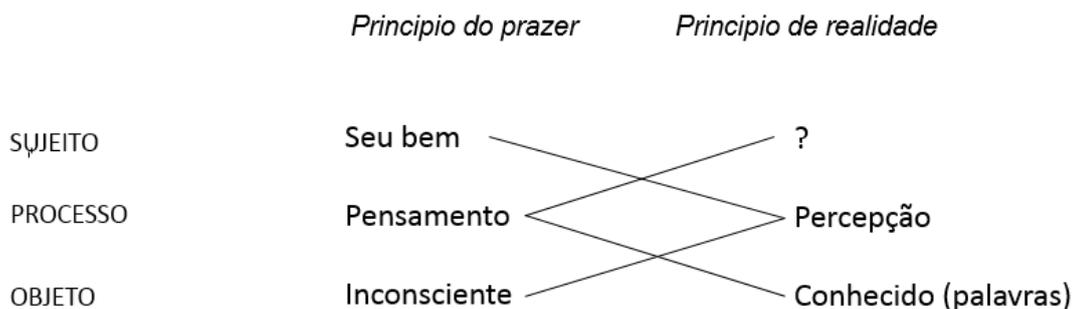
Lacan, em seu Seminário 7, no capítulo que reserva à análise dos dois princípios formulados por Freud, ressalta que a noção de prazer encontrou, através dos tempos, várias modulações. Como na *Ética a Nicômaco*, principal obra sobre a ética de Aristóteles, onde o

filósofo grego expõe sua concepção teleológica de racionalidade prática, sua concepção da virtude como mediania e suas considerações acerca do papel do hábito e da prudência na Ética. Os primeiros capítulos, sobretudo o capítulo 5 do livro X desta obra, Aristóteles dedica a discorrer sobre o que é o prazer. Para defini-lo toma a sensação visual como paradigma, pois assim como ela o prazer é uma ação completa e própria de nosso estado natural:

A sensação visual parece ser completa em todos os momentos, pois não lhe falta nada que, surgindo posteriormente, venha completar-lhe a forma; e o prazer também parece ser dessa natureza. Porque ele é um todo, e jamais se encontra um prazer cuja forma seja completada pelo seu prolongamento (ARISTÓTELES, 1991, p. 224).

Aqui o prazer é levado para o centro do campo de sua direção ética, é uma atividade, como ressalta Lacan: “o prazer em Aristóteles é o sinal do desabrochamento de uma ação” (LACAN, 1960/1988, p.39). Distinto dessa ideia, sublinha Lacan, o princípio de prazer, em Freud, inicialmente é articulado como um princípio de inércia, onde uma quantidade de energia tende à descarga destinando-se a escoar-se, porém essa descarga terá sempre um caráter reduzido.

Sobre a oposição entre os dois princípios, princípio de prazer e princípio de realidade, rearticulada ao longo da obra freudiana, Lacan destaca que mais do que uma oposição é um funcionamento de retificação do princípio de realidade em relação ao princípio de prazer. Ele retoca, retém, compensa o que é da ordem dessa pressão constante e imperativa, em busca de satisfação, proveniente das pulsões governadas pelo princípio de prazer. O psicanalista parisiense ressalta que, na verdade, um princípio se constitui a partir do outro: “se seguimos a realidade, é justamente porque o princípio de realidade é um princípio de prazer diferido. Inversamente, se o princípio de prazer existe é consonante alguma realidade – esta realidade é a realidade psíquica. ” (LACAN, 1954-55/1983, p.81). É num entrecruzamento que esses dois princípios se articulam e Lacan o demonstra do seguinte modo:



No quadro acima, ao situar o pensamento, Lacan o coloca submetido ao princípio do prazer, porém não sendo governado por este e sim pelo princípio de realidade. O psicanalista adverte que a apreensão dos processos de pensamento, que se exercem nas vias do inconsciente, só se dá pelas palavras, como ressalta Freud desde o *Projeto*. Os pensamentos só nos são conhecidos, só é possível se tornarem conscientes, quando são verbalizados. Ou seja, a única maneira de apreender o que é da ordem do inconsciente é a partir da articulação do pensamento em palavras. A percepção, por sua vez, está submetida ao princípio de realidade, mas governada pelo princípio de prazer, e sua atividade é alucinatória, ficcional. A experiência do sujeito irá corresponder à oposição entre pensamento e percepção produzindo a única realidade possível ao sujeito, a realidade psíquica.

Lacan situa que aquilo que se apresenta ao sujeito como substância ao nível do princípio do prazer é o seu bem. Esse bem não diz respeito ao Bem Supremo, aristotélico, onde o sujeito estaria inserido numa ordem moral, conformado a uma ética universal, mas o bem em questão é aquele que diz respeito à singularidade do sujeito, a sua verdade particular, ao *Wunsch*, que não tem um caráter de lei universal, mas sim de lei particular:

Esse *Wunsch*, nós o encontramos, em seu caráter particular irredutível, como uma modificação que não supõe outra normatização senão a de uma experiência de prazer ou de penar, mas uma experiência derradeira, de onde ele jorra, e a partir da qual ele se conserva na profundidade do sujeito sob uma forma irredutível (LACAN, 1960/1988, p. 35)

Não há um correspondente a esse bem, ao qual Lacan se refere em seu esquema, que esteja governado pelo princípio de realidade, portanto o ponto de interrogação. Esse ponto é o ponto vazio, enigmático, ao qual o prazer se articula na relação do homem com a realidade.

O objetivo em nossa pesquisa de tratarmos os princípios acima, tanto em Freud quanto em Lacan, é que além de serem fundamentais no escopo da teoria psicanalítica, são essenciais em nossa pesquisa. Esse estudo nos permite desenvolver mais claramente conceitos pertinentes a nossa dissertação. Como, por exemplo, o conceito de denegação, o porquê da relevância que Lacan dá ao artigo de Freud de 1925 e sobretudo as referências importantes para situarmos a sublimação. Assuntos esses que desenvolveremos posteriormente, no capítulo sobre esse tema.

### 1.3 Os quatro destinos pulsionais

Como já citamos acima Freud descreve a pulsão como um conceito fronteiro entre o somático e o psíquico. Porém inicialmente observa-se uma ambiguidade entre *Trieb* e *Triebrepräsenz*, como na parte III do exame do caso Schreber (1911), onde ao descrever a pulsão a apresenta como a representação psíquica das forças somáticas, parecendo não haver uma distinção entre pulsão e representação. No entanto, se aparentemente em algumas ocasiões até 1915 Freud considerou a pulsão como a própria representação psíquica de forças somáticas, em seus artigos posteriores essa distinção fica clara, como indica num trecho de seu artigo metapsicológico *O Inconsciente*: “Um instinto jamais pode tornar-se um objeto da consciência – somente a ideia [*Vorstellung*] que apresenta o instinto é que pode. Mesmo no inconsciente, além disso, um instinto não pode ser representado de outra forma senão por uma ideia” (FREUD, 1915/1974, p. 203). Quando Freud trata dos destinos pulsionais ele fala dos efeitos que tanto a ideia [*Vorstellungrepräsentanz*] como o quantum de afeto originalmente ligado a ela vão sofrer.

Sob os postulados do primeiro dualismo pulsional, Freud, em seu artigo *Trieb und Triebchicksale*, de 1915, distingue quatro vicissitudes pelas quais a pulsão no decorrer da vida pode passar:

- Reversão ao seu oposto
- Retorno em direção ao próprio eu
- Recalque
- Sublimação

No entanto nesse artigo só vão ser tratados os dois primeiros pontos. Freud reservou um capítulo especial para tratar do recalque, assim, como sugere também, para a sublimação. Porém, o que sabemos até então é que, se ele realmente chegou a escrever sobre a sublimação, ou o artigo se perdeu ou Freud desistiu de torna-lo público. Mas as referências e discussões deste conceito se estendem por um grande número de textos por toda sua obra.

Tanto a reversão a seu oposto como o retorno em direção ao próprio eu Freud trata como modalidades de defesa contra as pulsões. Mediante a forças do eu uma pulsão é impedida de ser levada até o fim, a não ser que sofra uma modificação. A reversão de uma pulsão a seu oposto, o psicanalista assinala que afeta apenas a finalidade das pulsões, ou seja, uma finalidade ativa é substituída por uma finalidade passiva. Os pares de opostos como sadismo-

masoquismo e escopofilia-exibicionismo são pulsões que passam pelo processo de reversão pulsional, onde Freud conclui que essa vicissitude só é possível se uma outra vicissitude, o retorno ao próprio eu, acontecer. Desse modo pode-se pensar que o masoquismo é na verdade um sadismo que se volta para o próprio eu e que o exibicionismo abrange um olhar para o próprio corpo. Na primeira vicissitude, portanto, há uma mudança de finalidade e na segunda uma mudança de objeto. Mas Freud ressalta que em ambos os pares pulsionais citados deve-se levar em conta que suas transformações de atividade em passividade ou um retorno em direção ao próprio eu nunca vai estar implicado toda a cota da moção pulsional.

Freud destaca também o que ele denominou de reversão de conteúdo, assinalando que esse processo só pode ser observado num caso isolado, a transformação do amor em ódio. A psicanalista parte da observação que é particularmente comum de constatarmos que tanto o amor quanto o ódio podem estar dirigidos a um mesmo objeto simultaneamente, caracterizando o mais significativo exemplo de ambivalência afetiva. Porém, ressalta Freud, que o amar não admite apenas uma oposição, mas três: “Além da antítese ‘amar-odiar’, existe a outra de ‘amar-ser amado’; além destas, o amar e o odiar considerados em conjunto são o oposto da condição de desinteresse ou indiferença.” (FREUD, 1915/1974, p.154). A segunda dessas oposições, Freud sublinha que corresponde à transformação da atividade em passividade que remonta à mesma situação da pulsão escópica, olhar - ser olhado; é a situação do amar a si mesmo, que é característica do narcisismo.

Freud ressalta que as diversas oposições do amar indicam que a vida psíquica é dominada por três polaridades, ligadas umas às outras, às quais as moções pulsionais estão submetidas, que seriam:

- Sujeito (Eu) – Objeto (mundo externo)
- Prazer – Desprazer
- Ativo – Passivo

Porém Lacan destaca nesse artigo de Freud, que para conceber o amor o psicanalista vienense indica uma espécie de estrutura diferente da pulsão, onde essas três polaridades estariam referidas a três níveis: atividade-passividade estaria referida ao nível biológico, eu-mundo externo ao nível real, e prazer-desprazer ao nível econômico. Lacan ressalta que Freud funda o amor no nível onde não há traço de funções pulsionais, no nível do *Ich*, do *Ichtrieb*, que só tomará valor sexual, ou seja, pulsional, quando apropriado pelas pulsões parciais: “Neste nível, não há traços de funções pulsionais, senão das que não são verdadeiras pulsões,

e que Freud chama em seu texto as *Ichtrieb*. O nível do *Ich* é não pulsional, e é aí – eu lhes rogo que leiam atentamente o texto – que Freud funda o amor” (LACAN, 1964/1985, p.181).

Devemos ter em mente que aqui Freud ainda mantém seu primeiro dualismo pulsional, ou seja, o conflito entre pulsões do eu e pulsões sexuais. Mesmo sendo um artigo posterior à *Introdução ao Narcisismo* (1914), onde o psicanalista apresenta a ideia de libido do eu em contraste com a libido objetual, que gerou uma complicação na sustentação desse conflito pulsional, Freud não abandona sua primeira teoria, só vindo a reformulá-la posteriormente com a introdução da hipótese da pulsão de morte. Mas o que Lacan nos adverte é que, aqui, Freud se contradiz ao tratar a ambivalência, amor-ódio, como uma característica da reversão, *Verkehrung*, da pulsão. A partir do momento que as pulsões são da ordem do sexual, são pulsões parciais e o amor se funda no nível de *Ich*. O amor é originalmente narcísico, deriva da capacidade do eu de se satisfazer auto-eroticamente, pelo prazer do órgão.

Freud utiliza essa expressão, prazer do órgão, para caracterizar a satisfação auto-erótica das pulsões parciais, onde a excitação de uma zona erógena acha seu apaziguamento no próprio lugar onde é produzida. A teoria do auto-erotismo está ligada à contingência do objeto da pulsão sexual como Freud apresenta nos *Três Ensaio sobre a Teoria da Sexualidade* (1905). Enquanto que no narcisismo a libido toma como objeto a imagem de um corpo unificado, o auto-erotismo seria uma fase anárquica que precederia a convergência das pulsões sexuais para um objeto comum: “os instintos auto-eróticos, contudo, ali se encontram desde o início, sendo, portanto, necessário que algo seja adicionado ao auto-erotismo - uma nova ação psíquica - a fim de provocar o narcisismo” (FREUD, 1914/1974, p.93). E o amor, ao passar de sua condição original, narcísica, é direcionado a objetos que foram incorporados pelo eu, que se lança a uma procura motora por esses objetos como fontes de prazer.

Na oposição amor – ódio, Freud assinala que, em relação ao objeto, o ódio é mais antigo que o amor, surge da relação primordial de rejeição do mundo externo por parte do eu narcísico. O amor nunca se transforma em ódio, adverte Freud, o ódio mesclado ao amor se reporta à fonte das pulsões de conservação do eu. Quando uma relação de amor com determinado objeto é rompida, o amor regride a uma fase sádica-preliminar; o ódio, por sua vez, é fortalecido assumindo um caráter erótico e, desse modo, a continuidade da relação amorosa é garantida.

A terceira vicissitude que Freud destaca é o recalque, ao qual dedica um artigo à parte. O conceito de recalque remonta aos primórdios da psicanálise. E em 1914 na *História do Movimento Psicanalítico*, um ano antes de apresentar o artigo metapsicológico sobre este

conceito, *die Verdrängung*, Freud declarou: “a teoria do recalque é a pedra angular sobre a qual repousa toda a estrutura da psicanálise” (FREUD, 1914/1974, p.26).

O termo *Verdrängung* já era usado pelo psicólogo e pedagogo alemão Johann Friedrich Herbart, no início do sec. XIX. Provavelmente chegou a Freud através de seu mestre, Meynert, que conhecia e admirava os estudos de Herbart. Theodor Hermann Meynert foi um psiquiatra e anatomista cerebral austríaco nascido na cidade de Dresden a 15 de Junho de 1833 e falecido em Klosterneuburg (Áustria) a 31 de Maio de 1891. Foi professor de medicina de Freud em Viena, a quem muito impressionou, tanto por sua obra como por sua personalidade. Em 1883, após ter ingressado como aspirante no Hospital Geral de Viena, onde ficou por três anos, Freud começou a trabalhar na clínica psiquiátrica de Meynert. Mas, em 1890, os dois romperiam por entrarem em conflito no que dizia respeito à hipnose e à histeria (GAY, 1988). Porém, mesmo aventando-se a possibilidade do termo ter sido utilizado anteriormente, chegando dessa forma a Freud, o psicanalista vienense afirmou na *História do Movimento Psicanalítico* (1914) que a teoria do recalque havia lhe ocorrido independente de qualquer outra fonte. Assim como também afirmou em seu *Estudo Autobiográfico* (1925) que a descoberta de tal mecanismo era uma novidade e que nada semelhante havia sido reconhecido anteriormente. De fato, registros indicam como Freud foi levado a essa descoberta. Assim, encontramos nos *Estudos sobre a Histeria* (1895) o conceito de recalque, mas aqui ainda tratado como um mecanismo de defesa, sugerido após Freud abandonar a hipnose no tratamento catártico da histeria, permitindo que o fenômeno clínico da resistência, oculto pela hipnose, viesse a luz.

Freud, a partir das observações clínicas das neuroses de transferência, parte da suposição que para haver o recalque uma cisão marcante entre a atividade consciente e inconsciente já teria ocorrido, sendo a essência do recalque rejeitar e manter algo distante do consciente. Antes desse estágio de organização psíquica caberia a outras vicissitudes, descritas acima, a defesa frente às moções pulsionais.

Um postulado importante na sustentação da teoria do recalque é a noção de recalque originário desenvolvida por Freud. O psicanalista supõe que uma ideia não pode ser recalçada se não sofrer simultaneamente uma atração por parte de conteúdos inconscientes. O recalque originário estaria na origem das primeiras formações inconscientes, onde o único mecanismo em jogo seria o contra-investimento. Esse mecanismo consiste num investimento do sistema Pcs-Cs para impedir o aparecimento da representação recalçada, um gasto permanente para manter o recalque primevo. A natureza desse contra-investimento é obscura em sua teoria, porém Freud levanta a possibilidade dele ser provocado por fatores quantitativos como uma

excessiva força de excitação. Portanto, enquanto que o recalque originário só dispõe de um único mecanismo - o contra-investimento - o recalque secundário, além do contra-investimento, disporia de um outro mecanismo, a retração do investimento pré-consciente.

Foi no estudo do *Caso Schreber* (1911), um caso de paranoia, que a noção de recalque foi elaborada de modo mais consistente pela primeira vez. Aqui, no entanto, o recalque originário ainda é descrito como fixação. Freud sublinha que a fixação é precursora e condição necessária para todo recalque, constituindo a base para a disposição à patologia subsequente: “determinado instinto ou componente instintual deixa de acompanhar os demais ao longo do caminho normal previsto de desenvolvimento, e em consequência desta inibição em seu desenvolvimento, é deixado para trás num estágio mais infantil” (FREUD, 1911/1974, p.90), e essa corrente libidinal permanecerá no sistema inconsciente, recalçada. Freud, ainda no *Caso Schreber*, examinando mais de perto o mecanismo do recalque divide o processo em três fases, a primeira seria a fixação, descrita acima, a segunda o recalque propriamente dito proveniente do eu que entraria em conflito com derivados psíquicos de pulsões recalçadas. E a terceira fase, que Freud sublinha ser a mais importante, o retorno do recalçado, onde o mecanismo em questão fracassa permitindo a irrupção de conteúdos que foram recalçados<sup>3</sup>.

Voltando ao artigo metapsicológico de 1915 sobre o recalque, Freud mantém as três fases já elaboradas em 1911 a respeito deste mecanismo. A partir da suposição de um recalque originário, o qual Freud situa numa primeira fase do recalçamento, haveria uma negação à entrada no consciente de uma representação psíquica da pulsão, estabelecendo-se dessa maneira uma fixação, onde a ideia permanece inalterada e a pulsão permanece ligada a ela. A segunda fase, o recalque propriamente dito, consiste numa pressão posterior, afetando os derivados da representação primeiramente recalçada, que tenham relação associativa com ela. É uma fase em que, além da repulsão que atua na direção do consciente para o que deve ser recalçado, há também a atração exercida pelo que foi originariamente recalçado. O processo de recalque não é um processo que acontece uma única vez com resultado duradouro, ele exige um constante gasto de energia, pois o conteúdo recalçado exerce uma contínua pressão na direção do consciente, caso contrário implicaria em colocar seu êxito em risco. O processo de recalque afeta tanto a ideia quanto a quota de afeto ligada a ela. Freud

---

<sup>3</sup> É importante fazermos aqui um esclarecimento sobre a diferença entre recalque, *Verdrängung*, e repressão, *Repression*. Ambos aparecem na elaboração teórica freudiana. Porém o recalque na teoria psicanalítica é o conceito de um mecanismo estrutural e estruturante, constitutivo do inconsciente e seu efeito é intra-sistêmico, enquanto que a repressão se dá por uma ação coercitiva externa, sendo, na verdade, um efeito do recalque. Esse esclarecimento se faz importante, pois em muitas versões, inclusive que fazem parte dessa pesquisa, *Verdrängung*, recalque, é, sob nosso entendimento, equivocadamente traduzido por repressão.

ressalta que a ideia que representa a pulsão é suprimida do consciente, porém o fator quantitativo da representação pulsional vai sofrer três destinos possíveis, ou a pulsão será inteiramente suprimida, ou aparecerá como um afeto qualitativamente modificado, ou se transformará em angústia. Freud volta sua atenção para essas duas últimas possibilidades, afirmando que, se o recalque não consegue impedir sentimentos de desprazer ou angustia, é porque ele falhou, ainda que tenha tido êxito em relação à parcela ideacional.

A quarta vicissitude da pulsão é a sublimação. Freud em seu artigo *Pulsão e seus destinos* (1915) não trata da sublimação, somente a menciona como uma das quatro vicissitudes pulsionais, porém como um destino muito distante das ações intencionais sexuais, originais da pulsão.

Em nossa pesquisa trata-se da sublimação, assim como a pulsão de morte, o objeto de estudo. Portanto, dedicaremos um capítulo exclusivo para discorrermos sobre ela. Passamos em seguida ao estudo sobre o narcisismo, conceito imprescindível para nossa dissertação, pois a partir daí, Freud percebe a inadequação de seu primeiro dualismo, e faz uma importante distinção: entre sublimação e idealização

#### **1.4 Sobre o narcisismo: uma introdução ao segundo dualismo pulsional**

O artigo freudiano *Sobre o narcisismo: uma Introdução*, publicado em 1914, portanto no ano anterior às publicações dos artigos metapsicológicos, traz profundas transformações à teoria pulsional vigente até então. É um dos trabalhos mais importantes de Freud, central na evolução de seus conceitos traçando de maneira mais profunda a relação entre o eu e o objeto, onde fará a distinção entre libido do eu e libido de objeto. Essa distinção, onde o eu não tem só um caráter de autopreservação mas também é investido eroticamente, abala significativamente a afirmação inicial de Freud segundo a qual as pulsões do eu não seriam sexuais.

Desde 1911, no estudo do caso Schreber, Freud propõe a existência de uma fase na evolução sexual que estaria entre o autoerotismo e o amor objetal, a qual o psicanalista nomeia de fase narcísica, onde a criança começa a tomar a si mesma, o seu próprio corpo, como objeto de amor. Foi Havelock Ellis (1859 – 1939), um médico e psicólogo britânico, que estudou a sexualidade humana e foi coautor, em 1897, do primeiro livro médico em Inglês sobre a homossexualidade, quem fez em 1898 uma primeira alusão ao mito de Narciso

a propósito de mulheres que ficavam cativadas por sua imagem no espelho. Atribui-se a H.Ellis também, a introdução do termo autoerotismo, onde distingue o narcisismo como sua forma extrema. Porém Freud nos *Três Ensaio*s (1905) ao retomar esse termo de Ellis, na definição da sexualidade infantil, encontra aí um sentido muito amplo e redefine o autoerotismo em sua teoria pela relação da pulsão com o objeto que é o próprio corpo. Apesar de se atribuir a H.Ellis a primeira alusão ao mito de Narciso, foi Paul Näcke, psiquiatra alemão, que em 1899 introduziu o termo narcisismo na psiquiatria designando um estado de amor por si próprio que constituiria uma categoria de perversão.

Se inicialmente o narcisismo significava uma perversão, Freud ressalta que só devemos dimensioná-lo dessa forma se “ele absorve a totalidade da vida sexual do indivíduo” (FREUD, 1914/1974, p.89). Pois através da observação clínica de neuróticos, adverte Freud ainda fazendo uso de sua primeira teoria pulsional, somos conduzidos à suposição de que o narcisismo comparece como complemento libidinal da pulsão de autopreservação. E o psicanalista sublinha, ainda, que não só na neurose, mas podemos atribuir o narcisismo a toda criatura viva.

As observações clínicas levam Freud a teorizar que tanto nas neuroses de transferência como na demência precoce e na esquizofrenia, no que diz respeito ao conflito entre libido do eu e libido objetal, há um investimento libidinal original do eu, o qual, posteriormente, é transmitido, em parte, aos objetos. Porém essas emanções de libido podem ser transmitidas e retiradas novamente provocando uma circulação libidinal ou, dependendo da enfermidade, suspendendo essa circulação. Dessa forma se estabelece uma antítese entre libido do eu e libido objetal, pois quanto mais uma é empregada mais a outra se esvazia.

Assim, a partir de suas pesquisas sobre o narcisismo, Freud assinala a diferença entre o que acontece na neurose e nas patologias as quais denominava de neuroses narcísicas (demência precoce e esquizofrenia). O psicanalista destaca que, na neurose uma relação erótica com os objetos é mantida através das fantasias, enquanto que nas neuroses narcísicas há uma retirada da libido das pessoas e do mundo externo, a libido se volta toda para o eu e a circulação libidinal fica estagnada pela ruptura que se dá entre o eu e o objeto. Porém Freud adverte que um paciente que sofre de neurose obsessiva ou neurose histérica também desiste da realidade, entretanto a libido, através da fantasia, continua ligada a partes do objeto, “ele substitui, por um lado, os objetos imaginários de sua memória por objetos reais, ou mistura os primeiros com os segundos” (FREUD, 1914/1974, p.90). Em seu artigo de 1924, *A Perda da Realidade na Neurose e na Psicose*, Freud faz uma análise mais pormenorizada do que acontece na neurose e na psicose em relação à realidade. Assinala que tanto a neurose quanto

a psicose são expressões de uma incapacidade por parte do Id em atender as exigências do mundo externo. Porém, enquanto que na neurose um fragmento da realidade é evitado por uma espécie de fuga, resultando na construção de uma fantasia, na psicose ele é remodelado, numa construção delirante: “a neurose não repudia a realidade, apenas a ignora; a psicose a repudia e tenta substituí-la” (FREUD, 1924/1974, p.231)

Freud em seu artigo de 1914 distingue duas categorias de narcisismo: o primário e o secundário. O narcisismo primário consiste numa fase, que Freud situa, entre o funcionamento anárquico da fase auto erótica à escolha de objeto. O autoerotismo é a fase onde o primeiro modo de satisfação libidinal é o prazer que um órgão retira de si mesmo. Já a hipótese freudiana de um narcisismo primário supõe uma fase onde a criança toma a si mesma como objeto de amor, antes da escolha de objeto. Freud coloca em relevo o papel dos pais na constituição do narcisismo primário. Ressalta que ao prestarmos atenção na atitude afetuosa dos pais com seus filhos podemos reconhecer uma revivescência de seu próprio narcisismo: “O amor dos pais, tão comovedor e no fundo tão infantil, nada mais é senão o narcisismo dos pais renascido, o qual transformado em amor objetal, inequivocamente revela sua natureza anterior” (FREUD, 1914/1974, p.108). “Sua Majestade o Bebe” exerce o fascínio de uma certa onipotência criada no encontro do narcisismo nascente do bebê com o narcisismo renascente dos pais.

O narcisismo secundário é o retorno ao eu dos investimentos direcionados aos objetos, onde o eu é tomado como objeto investido libidinalmente: “O narcisismo do ego é, assim, um narcisismo secundário, que foi retirado dos objetos. ” (FREUD, 1923/1974, p.62). Essa fase seria contemporânea à formação do eu propriamente dito, a qual Jacques Lacan nomeia de Estádio do Espelho, onde o narcisismo consistiria na captação amorosa da criança pela sua imagem, seria a experiência narcísica fundamental. A ideia do narcisismo secundário para Freud implica na formação do eu por identificações: “A libido que flui para o ego devido às identificações [...] ocasiona o seu narcisismo secundário” (FREUD, 1923/1974, p. 44), e na introdução da noção de ideal do eu em sua teoria.

Faz-se necessário conceituarmos melhor, dentro da teoria psicanalítica, a diferença entre eu ideal e ideal do eu, tendo em vista as implicações que esses conceitos tem na segunda tópica freudiana, sobretudo na construção da noção de supereu e na sua articulação com a pulsão de morte. Assim como em relação à sublimação, que posteriormente abordaremos, na importante distinção feita por Freud deste conceito com a noção de idealização.

#### 1.4.1 Ideal do eu e eu ideal

Em *Sobre o narcisismo: uma Introdução*, de 1914, Freud introduz a expressão ideal do eu para designar uma formação intrapsíquica que serve de referência ao eu. É um termo que Freud faz referência também em *o Ego e o Id* (1923). Porém, o autor não faz nenhuma distinção conceitual entre eu ideal, *Idealich*, e ideal do eu, *Ichideal*, distinção que anos mais tarde Jacques Lacan vai enfatizar. Para Lacan o eu ideal teria uma dimensão imaginária enquanto que o ideal do eu se circunscreve no registro simbólico. Em 1954, em seu Seminário sobre os escritos técnicos de Freud, Lacan reserva uma lição para tratar desses dois conceitos, *Idealich* e *Ichideal*, assim também como em seu Seminário sobre *As formações do Inconsciente*, livro 5 de 1958, assunto que examinaremos adiante.

Retornando ao artigo de Freud de 1914, salientamos a importância para nossa pesquisa da noção de ideal de eu introduzida por Freud na sua relação com a sublimação. Freud adverte sobre a possibilidade de haver uma confusão entre esses dois conceitos, sublimação e idealização. Mesmo admitindo que apesar de muitas vezes a formação de um ideal do eu exigir uma sublimação, ele não é capaz de mantê-la. Pois enquanto a sublimação diz respeito à libido objetal, descreve algo que tem a ver com o afastamento da pulsão de seu alvo de satisfação sexual, a idealização tem a ver com o objeto, com o engrandecimento psíquico desse objeto. Ao contrário da sublimação, que só é possível onde não há recalque, o ideal do eu é um fator poderoso a favor do processo de recalque: “a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor da repressão; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver repressão” (FREUD, 1914/1974, p.112).

Em *Psicologia de Grupo e Análise do Ego* (1921), a função do ideal do eu é colocada em primeiro plano, onde a distinção entre o eu e o ideal do eu possibilita a explicação para a estrutura libidinal dos grupos. Freud considera que esse processo está na base da constituição do grupo humano, onde o ideal coletivo retira sua eficácia de uma convergência de ideais individuais. Assim como o fascínio que um líder exerce sobre um determinado grupo ou povo, “o indivíduo abandona seu ideal de ego e o substitui pelo ideal do grupo, tal como é corporificado no líder.” (FREUD, 1921/1974, p.163)

Como já mencionamos acima, não há uma precisão conceitual, nos textos de Freud, da expressão ideal do eu. Ora encontramos ideal do eu, ora eu ideal indistintamente. Além dessa indistinção, o ideal do eu vai estar estreitamente ligado à elaboração da noção de supereu. Na

segunda tópica, em 1923, encontramos os dois termos apresentados praticamente como sinônimos: “a existência de uma gradação no ego, uma diferenciação dentro dele, que pode ser chamada de ‘ideal do ego’ ou superego” (FREUD, 1923/1974, p.42).

Em 1914, em *Introdução ao narcisismo*, Freud ainda faz uma distinção entre, o que vai denominar, instancia crítica de censura e o ideal do eu, onde a primeira funcionaria como um regulador do eu em relação à segunda. Já em *o Ego e o Id*, o ideal do eu e essa instancia crítica são uma só instancia. Instância esta formada pela identificação com as figuras parentais no declínio do Édipo, o superego, que reúne as funções de interdição e de ideal: “A sua relação com o ego não se exaure com o preceito ‘Você deveria ser assim (como seu pai)’. Ela compreende a proibição: ‘Você não pode ser assim (como seu pai).’” (FREUD, 1923/1974, p.48).

Ressaltamos anteriormente que Lacan, ao contrário de Freud, traça uma nítida distinção entre eu ideal e ideal do eu. Desde seu seminário de 1954, sobre os escritos técnicos de Freud, a diferença entre esses dois termos é ressaltada e apresentada no capítulo *Tópica do Imaginário* deste seminário. Não podemos deixar de ressaltar que, nessa época, Lacan ainda pensava numa precedência simbólica em relação às formações imaginárias, onde além de uma precedência haveria também uma primazia do simbólico sobre o imaginário: “é a relação simbólica que define a posição do sujeito como aquele que vê. É a palavra, a função simbólica que define o maior ou menor grau de perfeição, de completude, de aproximação do imaginário.” (LACAN, 1954/1983, p.165). Portanto nesse contexto Lacan nos indica que o eu ideal está ligado à imagem do próprio corpo, se constitui a partir do narcisismo, na fase que ele chamou de *Estádio do Espelho*, que seria o próprio nascimento do eu, onde a criança vê sua imagem refletida no espelho e antecipa o domínio de seu corpo. Se antes vivenciava a experiência do corpo despedaçado, agora é cativada por uma imagem ortopédica diante da qual se rejubila, e se toma pela própria imagem. Essa experiência é o que Lacan chama de identificação primordial com uma imagem ideal de si mesmo, e é a relação que se estabelecerá com o outro, sob a forma de um eu ideal. Mas o eu ideal só se constitui a partir de uma ordem simbólica, a partir da linguagem. Ou seja, é só a partir da intermediação do ideal do eu, uma intermediação simbólica (do Outro) que pode se estabelecer uma relação imaginária entre o eu e o eu ideal (outro). O ideal do eu, portanto, representa uma introjeção simbólica enquanto que o eu ideal representa uma projeção imaginária. O simbólico prevalece sobre o imaginário, superpõe-se a ele e o organiza.

Em 1954, para Lacan, o ideal do eu sustenta o narcisismo: “A distinção é feita nessa representação entre o *Ideal-Ich* e o *Ich-Ideal*, entre o eu-ideal e o ideal do eu. O ideal do eu

comanda o jogo de relações de que depende toda relação a outrem. E dessa relação a outrem depende o caráter mais ou menos satisfatório da estruturação imaginária. ” (LACAN, 1954/1983, p.165). Já em 1958, em seu seminário *As formações do Inconsciente*, Lacan situando a formação do Ideal do eu na relação edípica, vem a ressaltar que as insígnias daquele com quem o sujeito se identificou “desempenham nele o papel e a função de Ideal do eu. ” (LACAN, 1958/1999, p.308)

### **1.5 O segundo dualismo pulsional: a oposição entre o amor e a discórdia**

Se, citando Schindler, Freud supõe que a fome e o amor movem o mundo nas primeiras duas décadas de sua elaboração teórica, com a introdução do conceito de pulsão de morte, causa de uma grande modificação em sua teoria, passa a atribuir o conflito à oposição entre o amor e a discórdia. Fazendo alusão aos princípios fundamentais de Empédocles, Freud afirma que tanto em nome quanto em função, os dois princípios, atribuídos à teoria de um dos grandes pensadores da antiga Grécia, 495 a.c., são os mesmos que nossos dois grupos de pulsões primevas, “Eros e destrutividade, dos quais o primeiro se esforça por combinar o que existe em unidades cada vez maiores, ao passo que o segundo se esforça por dissolver essas combinações e destruir as estruturas a que elas deram origem” (FREUD, 1937/1974, p.142). Freud constata, em seu artigo *Análise Terminável e Interminável* (1937) que a pulsão de morte não é somente responsável por grande parte da resistência encontrada em análise, mas que, também, essa dimensão pulsional é a causa suprema do conflito psíquico, o que o leva a sugerir que a psicanálise pareceria ser a terceira daquelas profissões impossíveis, como educar e governar.

Como descrevemos no capítulo anterior, Freud estabelece que o funcionamento psíquico, regido pelo princípio de prazer e regulado pelo princípio de realidade, tenderia a um equilíbrio de energia, onde prazer significaria a diminuição da excitação provocada por um estímulo. O autor parte inicialmente da distinção da energia libidinal própria à sexualidade, que estaria em conflito com outras formas de energia, as quais denominou de pulsões de auto conservação ou pulsões do eu. Desse modo, como já discorremos acima, foi estabelecido seu primeiro dualismo, dualismo este que vigora na teoria freudiana durante duas décadas.

A partir dos estudos sobre o narcisismo em 1914, mas já iniciados na análise do livro autobiográfico do caso Schreber em 1911, Freud reconhece nas pulsões do eu uma natureza

libidinal, onde o próprio eu é investido sexualmente. Essa hipótese da libido narcísica, onde o eu é tomado como objeto investido libidinalmente pelo sujeito, faz surgir uma nova oposição, entre libido do eu e a libido direcionada aos objetos externos. Dessa forma há um abalo da primeira teoria pulsional suscitando uma modificação, pois se o conflito anterior era entre pulsões sexuais e pulsões do eu, a partir do momento em que esse eu também é investido sexualmente essa polarização se torna inapropriada.

Mas a construção de um segundo dualismo não é tão simples, nem tão imediata a essa hipótese de 1914. A partir de sua reflexão sobre a dinâmica das forças de Fechner, Freud é levado a reconhecer um caráter regressivo da pulsão que o leva a afirmar em 1920 que tudo o que vive quer morrer por razões internas, quer tornar-se mais uma vez inorgânico. Desse modo, “o objetivo de toda vida é a morte” (FREUD, 1920/1974, p.56). Mas sustentar exclusivamente a natureza conservadora da pulsão não basta. Em sua clínica da neurose Freud atesta a força das pulsões sexuais, onde identifica duas direções tomadas pelos processos vitais das moções pulsionais. Por um lado, as pulsões sexuais produzindo tensão cuja descarga é sentida como prazer, por outro a tendência a um Princípio de Nirvana, termo tomado de empréstimo a Barbara Low<sup>4</sup>, cuja tendência é remover, reduzir a zero, a tensão provocada pelos estímulos. Dessa reflexão podemos dizer que se Freud afirma que “o organismo deseja morrer apenas do seu próprio modo” (FREUD, 1920/1974, p.63), ou seja, diante dessa essência pulsional que é seu vetoramento à morte, só existe uma escolha - os caminhos da vida, ou seja, a parcialização pulsional em pulsões sexuais.

Mas a essa tendência conservadora da pulsão somou-se a constatação de um fenômeno bastante relevante e de extrema importância. Através de sua observação, tanto na clínica das neuroses de transferência como no brincar infantil ou nos sonhos traumáticos, Freud voltou sua atenção para os fenômenos da compulsão à repetição. Experiências desprazerosas que se repetem fugindo ao postulado de que as pulsões funcionariam no sistema inconsciente sob a égide de um princípio onde o prazer seria seu vetor. Freud constata que há algo que se impõe como enigmático e irredutível a esse princípio, ao princípio de prazer. Algo que ao longo de sua elaboração se dimensiona como irrefutável em sua teoria. O psicanalista observa que isso que compulsivamente se repete é algo que excede a uma tendência, inicialmente suposta, a um equilíbrio, que insiste, não se deixando reduzir apenas a uma busca sexual de satisfação libidinal. Dessa forma, a ideia da compulsão à repetição é “a ideia que, seguida

---

<sup>4</sup> Psicanalista inglesa (1877-1955) que usou pela primeira vez o termo Princípio de Nirvana

sistematicamente, o leva a ver na pulsão de morte a pulsão por excelência”. (LAPLANCHE & PONTALIS, 1968/1970, p.530).

A repetição de fenômenos traumáticos induz Freud a pensar que esta pressão, *Drang*, inerente ao organismo vivo não estaria vinculada somente à representação psíquica de uma fonte endossomática de excitação constante, mas sim a uma potência pulsional que tenderia a um desligamento da libido, num movimento de retorno vetorizado a um estado de inércia ou mesmo ao estado inorgânico. Essa tendência, como já nos referimos acima, Freud denomina de princípio de Nirvana. “A tendência dominante da vida mental, e talvez da vida nervosa em geral, é o esforço para reduzir, para manter constante ou para remover a tensão interna devida aos estímulos” (FREUD, 1920/1974, p.76)

A partir de 1920, as pulsões libidinais serão tratadas como Eros, reunindo, dessa forma, pulsões sexuais e pulsões do eu. Freud ressalta que estas operam desde o princípio da vida em conflito com a pulsão de morte, criada pela “animação da substância inorgânica” (FREUD, 1920/1974, p.82). E a partir dessa nova concepção se estabelece uma nova oposição, entre pulsões de vida e pulsões de morte.

Em seu lugar, porém, surgiu uma nova oposição entre os instintos libidinais (do ego e de objeto) e outros instintos, quanto aos quais há que supor que se achem presentes no ego e que talvez possam ser realmente observados nos instintos destrutivos. Nossas especulações transformaram essa oposição numa oposição entre os instintos de vida (*Eros*) e os instintos de morte. (FREUD, 1920/1974, p. 82)

Freud, portanto, não desiste da manutenção do conflito existente entre dois polos pulsionais: “Ele quis a qualquer preço salvar um dualismo, no momento em que este dualismo estava derretendo em suas mãos, e quando o eu, a libido etc. Tudo isso formava uma espécie de vasto todo que nos trazia de volta a uma filosofia da natureza. ” (LACAN, 1954/1983, p.54). Reservamos, em nossa pesquisa, o quarto capítulo para tratarmos de forma mais abrangente o conceito de pulsão de morte.

## 2 PULSÃO DE MORTE: O OBJETIVO DE TODA VIDA É A MORTE<sup>5</sup>

Como já mencionamos anteriormente, a partir da introdução do conceito de pulsão de morte Freud postula seu segundo dualismo pulsional, situando, dessa forma, o conflito basal do psiquismo entre dois polos: pulsões sexuais (que englobam as pulsões do eu ou de autoconservação) e pulsões de morte.

Foi nos anos imediatamente posteriores à primeira grande guerra e sob a impressão da morte de sua filha, ainda tão jovem, Sophie Halberstadt, que em 1920 é publicado o artigo *Além do Princípio do Prazer* onde Freud estabelece o conceito de pulsão de morte em sua teoria. Seu primeiro biógrafo Fritz Wittels tende a atribuir à dor sentida por Freud naqueles anos à ênfase dada por ele à agressão e à morte. Escreve Wittels:

Em 1920 (com *Além do Princípio do Prazer*), Freud surpreendeu-nos com a descoberta de que, em tudo que é vivo, existe, além do princípio do prazer, o qual, desde os dias de cultura helênica, tem sido chamado de Eros, um outro princípio: o que vive quer morrer de novo. Originando-se do pó, quer ser pó novamente. Há nos seres não só a pulsão de vida, mas também a pulsão de morte. Quando Freud fez esse comunicado a um mundo atento, ele estava sob a impressão da morte de uma filha na flor da idade, que perdeu logo depois de se preocupar com a vida de vários de seus parentes mais próximos, que haviam ido para guerra. ” (WITTELS apud GAY,1989/2010, p.363)

Mas Freud se opôs veementemente a essa explicação, na verdade reducionista, de Wittels, alegando que seu artigo *Além do Princípio do Prazer* foi na verdade escrito em 1919, quando sua filha se encontrava ainda saudável. Freud não foi além do princípio do prazer por uma morte na família. Já delineava em sua teoria os impulsos agressivos, os quais associará posteriormente à pulsão de morte, como por exemplo, quando se refere a esses componentes poderosos presentes no complexo de Édipo. Em cartas a Fliess (MASSON,1985/1897, pp.268-271), Freud já havia revelado, em caráter privado, o poder da agressão e seu funcionamento em si próprio e, publicamente, na *Interpretação dos Sonhos* (1900). Tudo isso bem antes de 1914, quando publica um artigo que vai provocar uma reviravolta em sua teoria.

O primeiro contato de Freud com o termo *Toderstrieb*, pulsão de morte, foi em 1911, numa das reuniões das quartas-feiras na *Berggasse*, durante a apresentação do trabalho *A Destruição como causa do devir*, por sua autora, a psicanalista russa Sabina Spielrein, onde ela introduz a ideia dos componentes destrutivos das pulsões sexuais. O qual Freud faz

---

<sup>5</sup> FREUD, Sigmund, *Mais Além do Princípio do Prazer*, 1920, p.56. Imago Editora.LTDA, 1974

referência a este trabalho, numa nota de rodapé, em seu artigo de 1920 *Além do Princípio do Prazer*, ao levantar a hipótese da existência de um masoquismo primário: “Uma parte considerável dessas especulações foi antecipada por Sabina Spielrein (1912) num instrutivo e interessante artigo que, infelizmente, não me é inteiramente claro. Nele, descreve ela os componentes sádicos do impulso sexual como ‘destrutivos’. (FREUD, 1920/1974, p. 75)

A ideia de uma pulsão de morte no ser humano promovida por Spielrein, (*Les premiers psychanalystes*, 1910-11/1979, p.319-325), postulava que o componente da morte estava contido na própria pulsão sexual, tratando-se de um componente destrutivo inerente a essa pulsão indispensável no processo do devir. De modo tal que a destruição, como manifestação da pulsão de morte, seria a causa do devir. Sabina Spielrein situa a pulsão de morte no interior da pulsão sexual e remete tanto a psicose como a neurose aos distintos graus de dissonância entre os dois componentes da sexualidade. Grande parte de sua elaboração é apoiada em bases biológicas, inclusive este é o título da primeira parte de seu artigo, *Dados Biológicos*, onde inicia por teorizar sobre o instinto sexual em animais inferiores, observando que na concepção a unidade formada entre células- macho e células-fêmeas é destruída para formar uma nova vida “O indivíduo, portanto pode desejar sua própria desapareição, logo que esta sirva à criação nova” (SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p. 516). Dessa forma a psicanalista levanta a hipótese de fenômenos dessa natureza causarem efeitos ao psiquismo humano no que diz respeito ao ato de procriação.

E, com efeito, sendo que é na própria pulsão de procriação que se enraízam os sentimentos de felicidade que inspiram a todo ser vivente o devir, ao mesmo tempo o sentimento de defesa tais como a angústia e a repulsa, que suscita esta mesma pulsão, não são nem o resultado do colocar-se em relação aberrante com as matérias excrementícias vizinhas, nem a expressão negativa de uma renúncia à sexualidade: são sentimentos que correspondem ao componente destrutivo da própria pulsão sexual.(SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p. 517)

Portanto, para Sabina Spielrein uma pulsão de morte endógena à sexualidade é sinônimo de devir no plano da transformação e da criação. Ao longo de seu artigo trata a pulsão de autoconservação a partir da ideia de apoio, sustentada por Freud, à pulsão sexual. Dá a ela duas dimensões: uma estática, que consiste em proteger o indivíduo contra toda a influência exterior, e uma dimensão dinâmica que tem por finalidade a modificação do indivíduo, “nenhuma modificação pode ter lugar sem a destruição do estado anterior” (SPIELREIN apud CROMBERG, 2008, p.549). Freud, apesar de posteriormente reconhecer, como mencionamos acima, a pertinência das proposições feitas por Spielrein, inicialmente se acautela em relação a seu artigo. Segundo Peter Gay, em sua biografia sobre o pai da psicanálise: “Naqueles anos

Freud não estava preparado” (GAY,1989, p.36). Fato que podemos constatar quando em 1930, o criador da psicanálise declara em *O mal estar na cultura*: “Recordo minha própria atitude defensiva quando a ideia de um instinto de destruição surgiu pela primeira vez na literatura psicanalítica e quanto tempo levou até que eu me tornasse receptivo a ela” (FREUD, 1929/1974, p.142).

Inicialmente, Freud trata a noção de pulsão de morte baseando-se em considerações especulativas, mas pouco a pouco essa ideia vai adquirindo um domínio em sua teoria, tornando-se o que há de mais fundamental na noção de pulsão. A pulsão de morte em Freud indica uma pressão (*Drang*) inerente ao organismo vivo em direção ao restabelecimento de um estado anterior e mesmo de um modo absoluto - um retorno ao estado inorgânico. A pulsão de morte, portanto, apresenta o que estaria no princípio de qualquer pulsão.

Mas é somente em 1920, a partir dos fenômenos de repetição aos quais Freud era incessantemente confrontado, como a repetição do sintoma ou a repetição na transferência, que o psicanalista revê seus postulados teóricos, introduzindo uma nova concepção, a elaboração do conceito de pulsão de morte. Dessa forma, estabelece seu segundo dualismo: pulsões de vida (que englobariam as pulsões do eu e as pulsões sexuais) e pulsão de morte. No seu artigo de 1920, ao deter-se sobre a visão dualística da vida pulsional, onde as direções tomadas pelos processos vitais poderiam ser identificadas como pulsões de vida e pulsões de morte, o psicanalista vienense adverte que existe algo mais ao qual não podemos permanecer cegos e faz referência à filosofia de Schopenhauer, onde para o filósofo “a morte é o verdadeiro resultado e até esse ponto, o propósito da vida” (FREUD,1920/1974, p.69). E se Freud se mostra consonante com essa ideia, encontra na pulsão sexual a corporificação da vontade de viver. Porém, em *Um estudo autobiográfico – Selbstdarstellung* – em 1925, ao reafirmar a influência que recebera das ideias de G.T. Fechner, rejeita a influência direta de Schopenhauer em seus postulados: “O alto grau em que a psicanálise coincide com a filosofia de Schopenhauer — ele não somente afirma o primado das emoções e a suprema importância da sexualidade, mas também estava até mesmo cômico do mecanismo de repressão - *Mechanismus der Verdrängung gekannt*— não deve ser remetida à minha familiaridade com seus ensinamentos. Li Schopenhauer muito tarde na minha vida” (FREUD, 1925/1974, p.75). A filosofia de Schopenhauer influenciou, além de Sigmund Freud, vários outros pensadores, dentre os quais destacam-se: Eduard von Hartmann, Nietzsche, Simmel, Thomas Mann, Bergson. Filósofo alemão, nascido na cidade de Danzig, Arthur Schopenhauer viveu de 1788 a 1860. O pensamento de Schopenhauer parte em especial de sua interpretação de fenômeno, baseada em alguns pressupostos da filosofia kantiana O filósofo postula que o mundo não é

mais que representação na qual dois polos inseparáveis são distinguíveis: o objeto, que é constituído a partir de espaço, tempo e o princípio de causalidade; e o outro polo que seria a consciência íntima e subjetiva acerca do mundo, sem a qual este não existiria. Mas, apesar da grande influência de Kant em sua elaboração filosófica, a ruptura entre o pensamento dos dois filósofos se dá, uma vez que ao contrário de Kant, que afirma a impossibilidade de a consciência alcançar a coisa-em-si, isto é, a realidade não fenomênica, Schopenhauer acredita que ao tomar consciência de si em nível radical, o homem se experiêcia como um ser movido por aspirações e paixões. Estas constituem a unidade da vontade, compreendida como o princípio norteador da vida humana. Sua obra principal é *O mundo como vontade e representação* (1819), embora o seu livro *Parerga e Paralipomena* (1851) seja o mais conhecido (NICOLA,2005).

Porém, desde 1905 nos *Três Ensaio*s, Freud já delineava o que conceituaria apenas em 1920. As noções de ambivalência, agressividade, sadismo e masoquismo, observadas tanto na clínica da neurose como na melancolia, já eram motivos que levariam Freud a propor a existência de moções pulsionais que fugiam a égide do princípio do prazer e, portanto, à ideia de que todo desprazer deveria coincidir com a elevação e todo prazer com um rebaixamento do nível de tensão psíquica devida a um estímulo. Dessa forma o prazer e o desprazer não poderiam ser somente referidos a ideia quantitativa, mas além disso um fator qualitativo também estaria em jogo: “Parece que eles dependem, não desse fator quantitativo, mas de alguma característica dele que só podemos descrever como qualitativa.” (FREUD,1924/1974, p. 200)

A ambivalência foi um termo criado por Bleuler, que a considerava um sintoma preponderante na esquizofrenia. Já para a teoria de Melanie Klein<sup>6</sup> o termo ambivalência, na noção de pulsão, era essencial, onde o amor do objeto não se separa de sua destruição. O protótipo da ambivalência em Freud se refere ao par antitético amor/ódio. O psicanalista ressalta a anterioridade do ódio em relação ao amor, vê no ódio uma relação objetual mais antiga que o amor. Assim também como a relação do masoquismo e o sadismo, onde Freud em 1915, levanta a possibilidade de um masoquismo primário, questão de máxima importância em sua elaboração do conceito de pulsão de morte.

Ao longo da obra freudiana a pulsão de morte se anuncia, desde o início, sob vários aspectos: como pulsão agressiva, pulsão de dominação, pulsão destrutiva e autodestrutiva. Como pulsão agressiva, noção introduzida por Adler em 1908, é inicialmente rejeitada por

---

<sup>6</sup> KLEIN, Melanie, *Psicanálise da Criança*, 1932. Ed. Mestre Jou, SP, 1975

Freud. Apesar do psicanalista evidenciar a extensão das tendências e dos comportamentos agressivos, como na análise do pequeno Hans, ele questiona essa abordagem por não a caracterizar como pulsão. Contudo, esse conceito, *Aggressionstrieb*, pulsão agressiva, vai ser retomado por Freud em 1920 no quadro dualista pulsões de vida/pulsões de morte, como um aspecto da pulsão de destruição. Já a pulsão de dominação, que aparece pela primeira vez nos *Três Ensaio*s, é referida a origem da crueldade infantil, aparece aqui como independente da sexualidade. Em *A Predisposição para a Neurose Obsessiva* de 1913 a pulsão de dominação aparece a propósito da relação atividade-passividade predominante na fase anal-sádica. Em 1915 em seu artigo metapsicológico sobre as pulsões, indica o aparelho muscular como suporte da pulsão de dominação. Nesse artigo é desenvolvida pela primeira vez a tese freudiana sobre sadismo-masoquismo, onde o alvo primeiro do sadismo é definido como a humilhação e a dominação pela violência. Já em 1920, com a introdução da noção de pulsão de morte o masoquismo e o sadismo, concebidos como avatares da pulsão de morte, tem a ênfase não mais na dominação, mas sim na destruição. A pulsão de morte, como pulsão de destruição, inicialmente para Freud manifesta-se quando dirigida ao mundo externo ou em relação a outros seres vivos. Posteriormente o autor vai incluir na pulsão destrutiva a autodestruição, *Selbstdestruktion*. Entretanto a essência da pulsão de morte em Freud é a evidência do que há de mais fundamental na pulsão - o retorno a um estado anterior, ao repouso absoluto do inorgânico.

As mudanças causadas em sua teoria pulsional, desde seu artigo sobre o narcisismo (1914), e a introdução do conceito de pulsão de morte em 1920 resultando na concepção de seu segundo dualismo pulsional, como mencionamos anteriormente, levam Freud a escrever seu artigo *O Ego e o Id*, publicado em 1923. Este artigo é apresentado como ápice de uma reavaliação teórica iniciada há uma década, desde os estudos do Caso Schreber em 1911 onde iniciou a construção de uma teoria mais consistente sobre o recalque. Este período é considerado como o último período metapsicológico na teoria freudiana. Em *O Ego e o Id*, com a nova apresentação do aparelho psíquico, Freud consolida e esclarece noções que foram desenvolvidas anteriormente. A evolução do conceito de *Eu* e a nova concepção da teoria pulsional, onde as pulsões do eu são absorvidas pelas pulsões de vida que se opõe às pulsões de morte, conduzem Freud a remodelações em seus postulados. Se na primeira tópica o conflito era entre um polo consciente e um polo inconsciente, a partir de 1920-23, esse conflito é definido entre um polo pulsional e o *Eu*.

Freud dedica o capítulo IV, de seu artigo de 1923, para tratar das duas classes de pulsões, sob os postulados de sua nova teoria pulsional e de sua segunda tópica do aparelho psíquico.

Basicamente, aqui, Freud dá continuidade às ideias lançadas em *Além do Princípio do Prazer* (1920). As duas classes de pulsão, Eros (pulsões sexuais) e as pulsões de morte existiriam ativas no Id, onde, de modo regular e extensivo, elas se fundem, se misturam e se ligam uma a outra. Ambas estariam se esforçando para restabelecer um estado de coisas perturbado pelo surgimento da vida. Desse modo, “o surgimento da vida seria[...] a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte” (FREUD, 1923/1977, p. 56). Mas a ideia de fusão pulsional lança uma outra possibilidade: a de desfusão. E Freud aponta o componente sádico da pulsão sexual como exemplo clássico de fusão pulsional e o sadismo que, independente, se torna perversão, como um caso típico de desfusão. Freud, a partir da ideia de *Vermischung – Entmischung*, fusão – desfusão, ressalta que todas as proporções de forças pulsionais se podem conceber entre Eros e agressividade e que modificações nessas proporções apresentam resultados tangíveis, como “um excesso de agressividade sexual transformará um amante num criminoso sexual, enquanto que numa nítida diminuição no fator agressivo torná-lo-á acanhado ou impotente” (FREUD, 1938/1974, p. 174).

Porém, ao referir-se à transformação de uma atitude hostil em erótica, ou o inverso, atribui a fatores econômicos. Por impossibilidade de uma descarga pulsional se dar via uma atitude agressiva, ela é substituída por uma atitude amorosa para a qual existe possibilidade de satisfação. Freud adverte que somente uma explicação pelo fator quantitativo não é suficiente para sustentar esse processo. Nessa transformação um fator qualitativo é relevante. A partir dessa ideia, supõe que haveria uma energia deslocável, neutra, que poderia ser adicionada tanto à pulsão erótica quanto à pulsão destrutiva.

Ainda de modo especulativo, Freud supõe que essa energia deslocável seria libido dessexualizada, retida pelo ego no processo de constituição do narcisismo secundário, “ela também pode ser descrita como energia sublimada, pois ainda reteria a finalidade principal de Eros – a de unir e ligar” (FREUD, 1923/1977, p. 61). Sendo assim, essa energia dessexualizada auxiliaria à tendência egoica à unidade. Ou seja, essa dessexualização que implica numa transformação da libido erótica em libido do ego e envolve, portanto, um abandono dos objetivos sexuais, denota uma importante função do ego em relação a Eros, onde “a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do ego.” (FREUD, 1923/1974, p. 61). Seguindo esta linha de raciocínio Freud atesta uma espantosa conclusão, que nesse processo onde o ego apodera-se da libido investida nos objetos, erigindo-se como único objeto de amor, dessexualizando ou sublimando a libido do id, ele trabalha também, em parte, em oposição a Eros e coloca-se a serviço das pulsões de morte. A partir desse conflito

pulsional, concluímos a importância de não podermos pensar nos dois grandes grupos pulsionais separadamente. A existência de um implica na existência do outro, que estão numa relação de fusão em proporções variáveis, onde o processo de desfusão redundaria num funcionamento separado das duas espécies de pulsão, dando a cada uma a autonomia do seu alvo. Freud ressalta que “somos levados a concluir que os instintos de morte são, por sua natureza, mudos, e que o clamor da vida procede, na maior parte de Eros” (FREUD, 1923/1974, p. 62), onde, na verdade, revela o psicanalista, é mediante a intervenção de Eros que as pulsões destrutivas são desviadas do ego e dirigidas para o mundo externo.

## 2.1 A fusão e a desfusão pulsional na economia do masoquismo

Muitos anos antes da formulação do último dualismo pulsional, mais precisamente em 1905, no clássico anteriormente citado os *Três ensaios sobre a teoria da sexualidade*, em 1905 a pertinência e importância, no estudo da sexualidade humana, da relação do par de oposto, sadismo X masoquismo, foi colocado por Freud. Alguns anos depois o psicanalista voltou a esse assunto com a intenção de reformular algo que havia sido exposto naquela época, a questão da existência ou não de um masoquismo primário, conceito fundamental no que diz respeito a hipótese da pulsão de morte. Mais expressamente, esse assunto foi abordado por Freud em alguns de seus artigos, em *Pulsão e suas vicissitudes* de 1915, *Bate-se numa criança* de 1919, que Freud descreveu como “um artigo sobre o masoquismo” em carta a Ferenczi, *Além do Princípio do Prazer* de 1920, artigo em que introduz o conceito de pulsão de morte e em *O Ego e o Id* de 1923, onde o masoquismo primário é explicado a partir dos processos de fusão e desfusão pulsional, *Vermischung und Entmischung*. Mas é somente em 1924, no artigo *O problema econômico do masoquismo* que Freud vem a considerar como certa a existência deste.

A princípio, Freud não considerava a existência de um masoquismo primário, apenas o masoquismo que derivava de um sadismo já existente nas pulsões sexuais. Em *Além do Princípio do Prazer*, o autor já considera a hipótese de que poderia haver um masoquismo primário. “O masoquismo, a volta do instinto para o próprio ego do sujeito, constituiria nesse caso, um retorno a uma fase anterior da história da pulsão, uma regressão. A descrição anteriormente fornecida do masoquismo exige uma emenda por ter sido ampla demais sob um

aspecto: pode haver um masoquismo primário, possibilidade que naquela época contestei.” (FREUD,1920/1974, p.75).

Freud parte da ideia central que o propósito do aparelho psíquico é “reduzir a nada ou, pelo menos, de manter tão baixas quanto possível as somas de excitação que fluem sobre ele.” (FREUD,1924/1974, p.199). Para essa suposta tendência Freud estabelece um outro princípio, tomando de empréstimo a Barbara Low, como já mencionamos acima, o Princípio de Nirvana. Sendo esse princípio a tendência a uma redução a zero da tensão provocada pelos estímulos, este princípio estaria a serviço da pulsão de morte. Porém a libido provinda da força da pulsão de vida tem a função de tornar inócua a força da pulsão de morte. Desse modo Freud, estabelece três princípios que regem o funcionamento psíquico: o Princípio de Nirvana, que expressa a tendência da pulsão de morte, o Princípio de Prazer, que representa as exigências libidinais, e o Princípio de Realidade, que representa a influência do mundo externo. Os objetivos de cada princípio são distintos. Enquanto que, para o primeiro, o objetivo é a redução quantitativa da carga de moções pulsionais, o outro refere-se à característica qualitativa das moções e, por último, ao terceiro princípio cabe um “adiamento da descarga do estímulo e uma aquiescência temporária ao desprazer à tensão” (FREUD,1924/1974, p.199).

Portanto, Freud parte da hipótese de que a pulsão de morte é a pulsão dominante nos organismos vivos multicelulares, enquanto que a libido, pertencente ao outro polo pulsional, pulsões de vida, tenta tornar inócua a dimensão destruidora, inerente a pulsão de morte. Esta operação é realizada desviando para fora uma quota de energia pulsional, com o auxílio do sistema muscular, direcionada aos objetos do mundo externo, “O instinto é então chamado de instinto destrutivo, instinto de domínio, ou vontade de poder” (FREUD,1924/1974, p. 204). Porém, ressalta Freud que uma parte da pulsão é colocada a serviço da pulsão sexual e a isso ele vai denominar *sadismo* propriamente dito. Uma outra porção da pulsão de morte não compartilhará dessa transposição para fora, permanecerá dentro do organismo ficando libidinalmente presa. Freud identifica o masoquismo erógeno ou primordial. Nesse processo o autor identifica a hipótese de uma fusão e amalgamação das duas classes de pulsões, em proporções variáveis, de modo que “jamais temos que lidar com instintos de vida puros ou instintos de morte puros, mas apenas com a mistura deles” (FREUD,1924/1974, p. 205). Freud nesse artigo destaca tanto um sadismo primário quanto um masoquismo como formas operantes da pulsão de morte “pode-se dizer que o instinto de morte operante no organismo – sadismo primário – é idêntico ao masoquismo. Após sua parte principal ter sido transportada para fora, para os objetos, dentro resta como um resíduo seu o masoquismo erógeno

propriamente dito” (FREUD,1924/1974, p. 205). O autor distingue três formas de masoquismo, um masoquismo erógeno ou primário, onde Freud busca suas bases em linhas biológicas e constitucionais, sendo a forma de masoquismo que acompanha a libido por todas as fases de desenvolvimento. Uma segunda forma é denominada por Freud de *masoquismo feminino*. O autor ressalta ser a forma mais facilmente observável por estar intimamente ligada às fantasias. O terceiro tipo de masoquismo é chamado de *masoquismo moral* e é o que mais se afasta da satisfação sexual como alvo, mas Freud sublinha que apesar desse afastamento ela não deixa a condição de ser uma pulsão destrutiva que se voltou contra o próprio ego.

## 2.2 A pulsão de morte e a repetição

Na clínica freudiana o caráter da pulsão de morte é complexo. Em um dos últimos textos do pai da psicanálise, *Análise Terminável e Interminável* de 1937, Freud se pergunta se há limites para a ligação (*Bändigung*) das pulsões, fazendo nítida referência à possibilidade de dominarmos, principalmente, a compulsão à repetição própria à pulsão de morte. Freud é o primeiro a reconhecer a infinitude da força pulsional ao sublinhar o caráter inesgotável de seu domínio (SAFATLE, 2006/2005, p.276). Assim como Freud, Lacan sublinha a pertinência do conceito de repetição no que concerne à pulsão, um conceito fundamental na introdução do conceito de pulsão de morte na elaboração teórica freudiana. Em seu *Seminário livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*, Lacan destaca a repetição - *Wiederholen* - como um mecanismo psíquico enigmático: “[...] nada se torna maior enigma do que esse *Wiederholen* que está muito perto, no dizer dos etimólogos, do *haler* francês, do *sirgar* – como se faz nas trilhas de *sirgagem* – muito perto do *sirgar* do sujeito, o qual puxa sempre seu trem” (LACAN,1964/1985, p.53).

Para dimensionar o conceito de repetição, Lacan faz necessário retomar dois textos freudianos fundamentais: *Recordar, Repetir e Elaborar* de 1914 e o já citado *Além do Princípio do Prazer* de 1920.

No artigo de 1914, *Recordar, Repetir e Elaborar*, Freud desenvolve pela primeira vez o conceito de repetição, que ele articula com a memorização. A repetição neste momento aparece como reprodução ou como presentificação em ato.

[...] podemos dizer que o paciente não recorda coisa alguma do que esqueceu e recalçou, mas expressa-o pela atuação ou atua-o (acts it out). Ele o reproduz não como lembrança, mas como ação; repete-o, sem, naturalmente, saber que o está repetindo” (FREUD, 1914/1974, p.196)

Nesse período, ainda sustentando seu primeiro dualismo pulsional, Freud polariza o conflito entre pulsões sexuais e pulsões do eu e a repetição aparece a serviço do princípio do prazer. Supõe que o trauma é tamponado pela tendência a uma homeostase subjetivante que orienta esse princípio. Em 1920, em seu artigo *Jenseits des Lustprinzips, Além do Princípio do Prazer*, como já mencionamos anteriormente, através da análise de fenômenos da repetição, como a repetição do sintoma, a repetição na transferência, nas brincadeiras infantis e nos sonhos traumáticos Freud formula a hipótese de que uma repetição que opera insistentemente, mesmo sendo a repetição de uma experiência desprazerosa, indica uma tendência que iria necessariamente além do princípio fundamental que propusera classicamente para o psiquismo.

As manifestações de uma compulsão à repetição apresentam em alto grau um caráter pulsional e, quando atuam em oposição ao princípio do prazer, dão a aparência de alguma força ‘demoníaca’ em ação. [...] Pode-se supor também que, quando pessoas desfamiliarizadas com a análise sentem um medo obscuro, um temor de despertar algo que, segundo pensam, é melhor deixar adormecido, aquilo de que no fundo tem medo, é do surgimento dessa compulsão, com sua sugestão de posse por algum poder ‘demoníaco’ (FREUD, 1920/1974, p.53)

Como já vimos anteriormente, desse modo Freud se viu obrigado a rever seu postulado segundo o qual o aparelho psíquico funcionaria sob a hegemonia do princípio do prazer. Assim, introduziu um novo conceito, o conceito de pulsão de morte e estabeleceu seu segundo dualismo pulsional. O psicanalista vienense lançou a hipótese de que a pulsão de morte se expressa pela natureza conservadora da pulsão, pela tendência pulsional de retornar a um estado anterior, concluindo que toda vida tem como objetivo a morte, porém a seu próprio modo. Essas hipóteses, como já mencionamos, levaram Freud a formular a ideia do fusionalismo pulsional, onde Eros e pulsão de morte estariam amalgamadas, e funcionariam ambas no sentido conservador, pois visariam restabelecer um estado de coisas que foi perturbado pelo surgimento da vida: “O surgimento da vida seria, então, a causa da continuação da vida e também, ao mesmo tempo, do esforço no sentido da morte. E a própria vida seria um conflito e uma conciliação entre essas duas tendências” (FREUD, 1923/1974, p.56)

No ano de 1964, Lacan, em seu Seminário: os quatro conceitos da psicanálise, referindo-se à *physis* aristotélica, busca nessa teoria dois termos para nomear as duas dimensões da

repetição: *tiquê* e *autômaton*. A elaboração do conceito de repetição, em Freud a partir de 1920, é para Lacan o que ele define como *tiquê*, encontro com o real. Ou seja, é a dimensão da repetição como um encontro com o real que insiste em não se escrever, que está para além da dimensão da repetição em seu aspecto de insistência automática da rede de significantes que se produz em signos sob o comando do princípio do prazer, o *autômaton*.

Lacan traz a questão de como, no seio dos processos primários, por exemplo nos sonhos, vemos a insistência do trauma a nos fazer lembrar, a reaparecer muitas vezes com o rosto desvelado. E ao perguntar como pode o sonho portar o desejo do sujeito e ao mesmo tempo produzir o que faz surgir em repetição - o trauma, conclui que, por mais que o sistema de realidade se desenvolva, deixa uma parte essencial, que é da ordem do real, prisioneira nas redes do princípio do prazer.

Para o psicanalista parisiense a realidade está sempre em *souffrance*, em espera por esses encontros comandados pela repetição, *Wiederholung*. E a psicanálise, adverte Lacan, não nos dirige a um idealismo, à “terra prometida” onde se estabeleceria uma harmonia, um apaziguamento pulsional, mas sim para uma práxis que no coração de sua experiência tem como o núcleo o real. Como Freud ressalta em *Traumdeutung*, a realidade faltosa que se revela nas manifestações inconscientes é uma realidade que não pode mais se dar senão repetindo-se.

A repetição vai estar intimamente relacionada com o que é da ordem do recalcado. Repete-se porque o que foi recalcado retorna. A repetição de uma cadeia de significantes, ou seja, um contingente simbólico que dá sustentação a um imaginário consistente é a repetição provocada pelo retorno do que foi recalcado pelo processo do recalque secundário, ao qual Freud chamou do recalque propriamente dito, *die Verdrängung*. Por outro lado, a repetição que irrompe como pura angústia, como aquilo que nos deparamos e não temos palavras para dizê-lo, que é da ordem do recalque primário, *Urverdrängung*, é o que retorna como indizível, como inapreensível, que retorna do real. Dessa forma podemos concluir que a repetição é para o sujeito a articulação indissociável entre simbólico e real, entre inconsciente e pulsão.

O fenômeno da repetição em sua insistência demanda o novo, mas tudo que varia é apenas alienação de sentido. Na repetição, como para as crianças que exigem que as histórias infantis sejam contadas textualmente da mesma maneira, ou no jogo alternativo do *fort-da*, o que é visado é, essencialmente, o que não está lá enquanto representado. Nessa abordagem Lacan ressalta um texto de Kierkegaard, intitulado *A Repetição*, de 1843, onde encontra em sua pena a dimensão própria da repetição.

Kierkegaard escreveu este livro sob o pseudônimo de Constantins Constantius, que também é uma personagem da história. A história narra a dialética de um jovem diante do conflito entre manter uma paixão como fonte de inspiração para se tornar escritor ou, cumprindo sua palavra, casar, mantendo seu compromisso, e desse modo abrindo mão do que o move a escrever. Na tentativa de encontrar uma resposta, procura Constantin para aconselhá-lo e apacuar sua angústia. Em reflexões sobre ética, estética e religião, Kierkegaard dimensiona a repetição como a condição à qual estamos destinados, pois o desejado, o que nos causa, sempre escapa:

Aquele que apenas quer ter esperança é covarde, aquele que apenas quer recordar é voluptuoso, mas aquele que quer a repetição é um homem, e quanto mais energicamente for capaz de torná-la clara para si próprio, tanto maior será sua profundidade como criatura humana [...]. Se um indivíduo circum-navegou a existência, tornar-se-á evidente que tem coragem para entender que a vida é uma repetição e desejo suficiente para com ela se regozijar [...]. Sim, se não houvesse repetição, o que seria a vida? Quem poderia desejar ser uma ardósia na qual o tempo inscrevesse a cada instante um novo texto? Ou ser um memorial de coisas passadas? [...] Se o próprio Deus não tivesse querido a repetição, o mundo nunca teria surgido [...] A repetição é a realidade, e é a seriedade da existência. (KIERKEGAARD, 1843/2009, p.58)

Portanto, ao analisarmos as dimensões da repetição em Lacan, somos levados a supor que a *tiquê* lacaniana é sustentada pela *Drang* da pulsão de morte e o *automaton* pela pressão de *Eros*.

Lacan conserva a ideia freudiana da pulsão como um retorno em direção à morte, porém é o conceito de morte que se transforma. No lugar de um retorno à origem inorgânica, Lacan procura a possibilidade desse vetoramento pulsional por meio de uma morte simbólica. Para Lacan, essa morte é o operador fenomenológico que nomeia a suspensão do regime simbólico e fantasístico de produção de identidades. Ela marca a dissolução do poder organizador do imaginário levando a uma ruptura do eu. Se para Freud a força desintegradora da pulsão de morte é direcionada para a integridade do organismo biológico, para Lacan essa força é direcionada para a coerência imaginária do eu. Em Lacan, o dualismo constante na obra freudiana é substituído pela trilogia R.S.I., o que tem por função criar uma nodulação a três, apresentando o terceiro elemento – o Real, e “a pulsão de morte é o Real enquanto aquilo que só pode ser pensado como impossível” (LACAN, 1975/1976, p.123), é o que se repete retornando sempre ao mesmo lugar, na dimensão de uma ex-sistencia impossível de se inscrever.

### 2.3 O conceito de pulsão de morte: conceito fundamental no seminário sobre a ética em Lacan

O conceito de pulsão de morte é central dentro da teoria lacaniana, tendo em vista sua afirmação que toda pulsão é virtualmente pulsão de morte (LACAN, 1966, p. 863). Desde seu *Seminário livro 2: O eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise*, de 1954-55, em sua análise do artigo *Além do Princípio de Prazer*, Lacan ressalta a observação de Freud de que há algo que é distinto do princípio do prazer e que tende a levar o animado inteiro para o inanimado, que há algo no homem que o coage a sair dos limites da vida. Diante disso Lacan adverte que o princípio que leva a libido de volta à morte estaria por detrás da necessidade do ser vivo de chegar à morte, mas *passando pelos caminhos da vida*.

Em seu seminário de 1964, o psicanalista parisiense coloca a pulsão como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise, fazendo uma releitura dos textos freudianos concernentes ao assunto e descrevendo a pulsão como uma montagem “sem pé nem cabeça” (LACAN, 1964/1985, p.161), como uma colagem surrealista. Ressalta que o sistema pulsional não obedece a nenhum princípio de evolução ou desenvolvimento, como Freud adverte que na dinâmica das pulsões sexuais não existe nenhuma condição de maturação para se passar de uma fase para outra.

Nessa pesquisa nos restringiremos a abordar a questão da pulsão de morte, na obra lacaniana, nas articulações desenvolvidas em seu seminário sobre a ética. O motivo de privilegiarmos em nosso estudo esse período teórico é que, mesmo reconhecendo o vasto desenvolvimento e desdobramentos que essa noção representa na obra do psicanalista parisiense, a abordagem de Lacan em 1960 nos interessa de modo mais significativo pela implicação que ele aponta da sublimação com a pulsão de morte, que é o ponto central de nossa pesquisa. Portanto, nos deteremos na concepção, apresentada no seminário de 1960.

Subtraindo a tendência biologizante apresentada por Freud sobre o conceito de pulsão de morte, em Lacan ela está essencialmente articulada ao significante: “os fenômenos de repetição não podem, sem dúvida, ser apreendidos sem algo como uma pulsão de morte. Falta em Freud a noção do significante, para evitar o biologismo da pulsão de morte”. (Juranville, 1984/1987, p.200). O que se repete, ressalta Juranville, é o significante e a pulsão de morte é a presentificação no homem da negatividade implicada pelo significante. Ou seja, é pela repetição de um encontro faltoso, que a dimensão negativa do significante evidencia o vazio

causado pela falta da Coisa. É no lugar dessa perda introdutora da repetição que surge a ficção do objeto perdido. Portanto, o campo onde se projeta algo para além da cadeia significativa é o campo d'A Coisa. Lacan encontrará A Coisa, das *Ding*, em um manuscrito de Freud, *Projeto para uma Psicologia Científica (1895)*. Em seu seminário, livro 7, ele sublinha a existência de um real que impulsiona a experiência humana a ir além do princípio do prazer, esse real é designado por ele como *das Ding*. Nesse seminário, Lacan desenvolve enfaticamente o conceito de *das Ding*, dedicando dois capítulos de seu seminário ao seu estudo.

Freud, desde o *Projeto (1895)*, ressalta que *das Ding* é justamente o que há em comum entre a representação-lembrança e a representação-percepção, entretanto sem ser redutível a uma ou a outra. É uma estrutura constante, porém não assimilável, o resíduo que escapa ao juízo. Está fora daquilo que é regulado pelo princípio do prazer, é o que está para além do princípio do prazer. Iluminados pela teoria lacaniana, essa dimensão de *das Ding*, dada por Freud, pode ser identificada como aquilo que funda a repetição, num direcionamento ao reencontro do objeto outrora perdido, mas que na verdade é um desencontro, pois esse objeto não há. A Coisa, *das Ding*, nos diz Lacan, se apresenta como unidade velada. Ela ocupa, sobre a temática do princípio do prazer, um lugar na constituição psíquica, pois ela é essa Coisa que do real primordial padece do significante. Seu campo se apresenta como o real, o que é impossível de ser simbolizado. A Coisa só pode ser representada pelo que Lacan chama de a Outra coisa, ou seja, pelo objeto reencontrado, que na verdade é o objeto desde sempre perdido, o qual só pode ser dimensionado como perdido a partir de re-achados, de reencontros, não com objetos empíricos, libidinalmente investidos, mas como a falta do objeto, no só-depois.

Ao abordar o conceito de pulsão de morte, Lacan faz referência a um artigo de Siegfried Bernfeld, *Energia e Pulsão e o princípio da entropia e pulsão de morte*, de 1931. Lacan ressalta que neste artigo de Bernfeld, onde ele articula o princípio da entropia com a pulsão de morte, acrescenta algo ao texto de Freud sobre o que a estrutura viva introduz de diferença. Bernfeld era um psicanalista, nascido na Ucrânia em 1892. Formado em filosofia pela universidade de Viena, estudou também biologia, sociologia, somado aos seus estudos de psicanálise. Nos anos 20 ele se tornou um importante membro da Sociedade Psicanalítica de Viena. Entretanto, mais tarde, por ser judeu, pouco antes da Segunda Guerra, foi para os EUA, onde faleceu, na cidade de São Francisco em 1953. Desenvolveu algumas teorias aproximando Freud e Marx. Mas um de seus livros mais importantes foi *Der Begriff der*

"*Deutung*" in *der Psychoanalyse*, *O conceito de interpretação em psicanálise*, onde ele explicava a correlação dos princípios científicos da psicanálise.

Nos sistemas inanimados, segundo Bernfeld, as dimensões de intensidade e extensidade são homogêneas, ao passo que no organismo vivo são heterogêneas, como por exemplo a heterogeneidade entre o aparelho neurológico e o resto da estrutura. Essa diferença é que introduz o conflito na estrutura viva, tendendo, portanto, esse organismo vivo a um retorno de equilíbrio numa tendência ao retorno ao inanimado. Porém Lacan ressalta que, para a psicanálise, o conceito de pulsão não caberia aí, uma vez que existe a pulsão à destruição. A pulsão, portanto, está para além dessa tendência a um equilíbrio, a uma homeostase. Dessa forma a pulsão de morte põe em causa tudo que existe, adverte Lacan, "se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante" (LACAN, 1960/1988, p.259). Ressaltando essa lógica, Lacan introduz o que ele chamou da vertente criacionista da pulsão de morte, porque colocando em causa tudo que existe ela é também vontade de criação a partir do nada, vontade de recomeçar.

Segundo o psicanalista parisiense, Freud dá à pulsão de morte a dimensão de uma sublimação criacionista que faz com que haja um para-além da cadeia significante, o *ex nihilo* sobre o qual a própria cadeia se funda e se articula. E é nesse campo que se constitui, para além do princípio do prazer, que subsiste o sujeito; porém um sujeito que subsiste na condição de um não saber, num ponto de ignorância absoluta, ressalta Lacan (1960). Esse campo, esse ponto de abismo, que é da ordem do intransponível, é o campo que tem como âmago a Coisa, e é aí que Freud desenvolve "sua sublimação referente ao instinto de morte, dado que essa sublimação é fundamentalmente criacionista" (LACAN, 1960/1988, p. 261)

Para Lacan a pulsão de morte deve ser situada no âmbito histórico, pois ela só pode ser articulada em função da cadeia significante, pois "se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão dita de morte, é somente na medida em que há a cadeia significante." (LACAN, 1960/1988, p.259). Lacan sublinha a importância da necessidade de um ponto de criação *ex nihilo* do qual nasce isso que é histórico da pulsão "No começo era o Verbo, o que quer dizer o significante. Sem o significante no começo é impossível articular a pulsão como histórica" (LACAN, 1960/1988, p. 261).

### 3 A SUBLIMAÇÃO

O uso pelos alquimistas de um processo específico ao qual nomearam sublimação marcou o campo semântico formado em torno desse termo. A prática alquímica, de maneira resumida, consiste em pegar a matéria-prima primordial, eliminar as suas impurezas, separar seus componentes e reuni-los novamente fixando os elementos voláteis, formando assim a pedra filosofal. Seria como “libertar o espírito por meio da matéria e a própria matéria por meio do espírito” (SILVA & GATO, 2004). A sublimação seria um dos doze processos para tal realização, fase em que o corpo torna-se espiritual e o espírito torna-se corporal, ou seja, é a fase onde há uma volatilização do fixo e uma fixação do volátil. Já o termo latim *sublimare* tem o sentido de “suspensão no ar”, “elevado”.

O psicanalista Michel Silvestre, em seu artigo, já referido anteriormente, *Mise en cause de la sublimation*, publicado na *Ornicar?*, em 1979, destaca que Freud propõe o termo *Sublimierung*, deixando *Sublimation* para a química. Ao insistir na manutenção do sufixo *ierung*, Freud estaria acentuando que se trata de um processo e não de um resultado.

Entre os doze artigos metapsicológicos que Freud se propôs a escrever, supõe-se que um deles seria sobre a sublimação. Mas o que sabemos até então é que, se ele realmente chegou a escrevê-lo, ou o artigo se perdeu ou o autor desistiu de torná-lo público. Porém, a implicação deste conceito se estende por toda a teoria, articulado a um grande número de postulados, e está presente em vários pontos e questionamentos importantes na obra freudiana.

Destaca-se como uma das características da sublimação seu desvio quanto ao alvo. Freud já ressalta desde 1905, nos *Três Ensaios sobre a Sexualidade*, que, apesar da origem da pulsão ser sempre sexual na sublimação seu alvo é desviado de um alvo sexual para um não-sexual.

[...] a atividade destes impulsos não cessa mesmo durante esse período de latência, embora sua energia seja desviada [...] poderosos componentes são adquiridos para toda espécie de realização cultural por este desvio das forças instintivas sexuais dos objetivos sexuais e sua orientação para objetivos novos – processo que merece o nome de ‘sublimação’ (FREUD, 1905/1974, p.182).

Como uma manifestação desse desvio Freud destaca, nos ensaios de 1905, a pulsão de saber, *Wissstrieb*, tão comum na criança, identificando aí o processo sublimatório, “o fato de que o simbolismo sexual – representação do que é sexual por objetos e relações não sexuais – remonta aos primeiros anos da posse do poder de falar” (FREUD, 1905/1974, p.199n.). Em Silvestre (1979), encontramos que o *Wissstrieb* vem no lugar deixado vazio pela

impossibilidade da pulsão sexual de se unificar. O saber estaria situado aqui como o modo de apropriação do significante pelo sujeito.

Freud, ao definir a sublimação, descreve-a como uma vicissitude pulsional, em que estaria implicada uma dessexualização da pulsão. Mas em que consiste essa dessexualização, partindo-se do princípio que toda a origem pulsional é essencialmente sexual? O psicanalista, ao trazer à luz a sexualidade infantil, no início do século XX, demonstra que, ao contrário da interpretação comum que faz a sexualidade repousar sobre um fundamento *natural*, ela se desenvolve desde os primórdios da infância, e que as excitações e atividades presentes desde esse período proporcionam um prazer irredutível a uma necessidade fisiológica. Diferindo, portanto, do que constitui a lógica do sistema instintual na natureza, a sexualidade humana não está a serviço de nenhuma inscrição de saber que ordene a uma procriação ou manutenção da espécie: “Devo acentuar, entretanto, que este trabalho se caracteriza não só por se basear inteiramente na pesquisa psicanalítica, como também por ser deliberadamente independente das descobertas da biologia.” (FREUD, 1914/1974, p.90). Para Freud, uma outra lógica rege a sexualidade humana e isso o suscita a criar um novo conceito - o conceito de *Trieb*, pulsão. Desse modo, o que é da ordem da sexualidade está referido a essa atividade pulsional que parte de uma estrutura de borda, de infância, destinada a obter satisfação engendrando objetos empíricos, substituíveis, que são apenas libidinalmente contornados resultando numa satisfação parcial. Nesse sentido, podemos dizer, referidos por uma leitura lacaniana, que a sexualidade humana, a sexuação do ser falante, é a secção a que estamos destinados, é o corte, é a clivagem que a própria estrutura do sujeito revela. A sexualidade no ser falante está articulada ao binômio pulsão/desejo. É atividade pulsional, mas sobretudo, marcada pelo Outro como lugar tenente da falta inaugural, ôntica, onde o sujeito emerge como desejante diante da impossibilidade de sutura dessa falta que o causa.

Podemos destacar que a noção de sublimação em Freud, foi pela primeira vez introduzida como conceito no artigo de 1905, onde o psicanalista vienense promove um corte epistemológico nos estudos da época sobre sexualidade. Aqui essa noção é tratada como um mecanismo de desvio das forças pulsionais infantis dos alvos sexuais para novos fins, durante o período de latência. Entretanto, nesse mesmo artigo Freud parece fazer uma aproximação entre sublimação e formações reativas. As formações reativas seriam diques erigidos contra a satisfação das moções pulsionais sexuais que nesse período só podem despertar sentimentos desagradáveis. Elas conseqüentemente evocam forças psíquicas opostas (formações reativas) que a fim de suprimir efetivamente este desprazer, constroem as barreiras mentais como a repugnância, a vergonha e a moralidade. Mas é difícil pensar numa aproximação entre

sublimação e formação reativa, tendo em vista que a primeira se caracteriza por um processo onde não há recalque enquanto que a segunda trabalha no sentido oposto. Entretanto, se inicialmente Freud faz uma aproximação entre essas duas noções, considerando que uma subespécie de sublimação pode se dar pela supressão efetuada pela formação reativa, mais adiante ressalta uma certa impropriedade nessa aproximação e começa a fazer a diferenciação entre os dois processos:

[...] a sublimação das forças instintuais sexuais ocorre ao longo do caminho da formação reativa. Mas, em geral, é possível distinguir um do outro os conceitos de sublimação e formação reativa como dois processos diferentes. A sublimação também pode ocorrer por outros mecanismos mais simples. (FREUD,1905/1974, p.183n.)

Em 1923, Freud irá aproximar formação reativa de ideal do eu, afirmando que essa categoria “em verdade, constitui parcialmente uma formação reativa contra os processos instintuais do Id” (FREUD, 1923/1974, p.73) O desvio das pulsões sexuais, promovido pela sublimação da sexualidade, segundo Freud, se dirige para as realizações culturais, em vez terem como destino o recalque e produzirem inibições ou substituições, como formações reativas (sintomas):

O esconder progressivo do corpo que acompanha a civilização mantém desperta a curiosidade sexual. Esta curiosidade busca completar o objeto sexual revelando suas partes ocultas. Pode, contudo, ser desviado (sublimado) na direção da arte, se seu interesse puder ser deslocado dos órgãos genitais para a forma do corpo como um todo (FREUD,1905/1974, p. 183)

Ao lado da ideia de inibição e de desvio quanto ao alvo Freud introduz a ideia de que no processo de sublimação a satisfação pulsional se daria mediante alvos socialmente valorizados. Desse modo poderíamos pensar a sublimação inserida numa lógica de reconhecimento social, sugerindo uma promessa de harmonia entre o singular e o universal?

Apesar do autor atribuir à sublimação as produções do homem no domínio das artes, das produções científicas e intelectuais, sugerindo muitas vezes a ideia de grandeza e elevação, esse destino pulsional apresenta uma maneira de satisfação particular. Tendo o alvo sofrido um desvio, *Ablenkung*, a sublimação encontra sua rota pela evitação de certos obstáculos e a condição dessa evitação é, sem dúvida, o prolongamento indefinido do trajeto. A sublimação é um circuito, sempre a se refazer, mesmo se a satisfação é visada aí, pois esta última é apenas o meio pelo qual o sujeito conta as voltas no circuito que ele percorre, enfatiza Michel Silvestre (1979)

No artigo de Freud, *Moral Sexual Civilizada e Doença Nervosa Moderna*, de 1908, a sublimação permanece como uma possibilidade de apaziguamento pulsional. Freud ressalta que as restrições à vida sexual, impostas pela cultura moderna, são causadoras das psiconeuroses, mas adverte que a capacidade de algumas poucas pessoas sublimarem evita que adoeçam. O psicanalista faz aqui uma articulação entre o que ele chamou de atividade civilizada e a capacidade de sublimar. Ressalta que a pulsão sexual coloca à disposição da atividade civilizada uma extraordinária energia, em virtude de uma singular e marcante característica: sua capacidade de deslocar seus objetivos sem restringir consideravelmente a sua intensidade. A sublimação, portanto, seria essa capacidade de trocar o objetivo sexual original por outro, não mais sexual. Freud ressalta que o vigor original da pulsão sexual provavelmente varia com o indivíduo, o que sem dúvida acontece com a parcela da pulsão suscetível à sublimação. Aqui, supõe que a constituição inata de cada indivíduo é que irá decidir primeiramente qual parte de sua pulsão sexual será possível sublimar e utilizar. E sublinha que o processo de sublimação não pode ser ampliado indefinidamente, sendo indispensável uma certa quantidade de satisfação sexual direta, observação que retoma na quinta lição das cinco que proferiu em 1909 na Clark University, em Worcester.

Ao abordar o tema da sexualidade infantil, na Clark University, em 1909, Freud delinea a distinção entre recalque e sublimação. Expõe, que por causa dos recalques o neurótico perdeu muitas fontes de energia mental que lhe teriam sido de grande valor na formação do caráter e na luta pela vida, porém revela que haveria uma solução muito mais convincente, a chamada *sublimação*. Processo pelo qual a energia dos desejos infantis não se anula, mas ao contrário continua utilizável, substituindo-se o alvo de algumas tendências por outro mais elevado, “quicá não mais de ordem sexual” (FREUD, 1909). Esclarece que os componentes da pulsão sexual se caracterizam por essa faculdade da sublimação, de permutar o fim sexual por outro mais distante e de maior valor social. Freud ressalta que são tributárias à sublimação as maiores conquistas da civilização, e que o recalque prematuro exclui a sublimação da pulsão recalcada; desfeito aquele, está novamente livre o caminho para a sublimação.

Freud prossegue dizendo que a plasticidade dos componentes sexuais, manifesta na capacidade de sublimarem-se, pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade. Não obstante adverte mais uma vez que, assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia da pulsão sexual da sua finalidade própria. E enfatiza que nem o conseguiríamos. Indica, mais uma vez, que se o

cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos de uma exploração abusiva.

Mas é em *Leonardo Da Vinci e uma lembrança da sua infância*, artigo de 1910, que Freud traz de forma mais específica a relação do recalque com a sublimação. Nesse texto, dedicado ao estudo de Leonardo Da Vinci, o recalque e a sublimação são abordados do ponto de vista econômico, a partir de um recorte: a curiosidade infantil em torno da origem dos bebês. Esta indagação, nomeada por Freud de pesquisas sexuais infantis, tem como destino duas vicissitudes pulsionais: o recalque e a sublimação. O pai da psicanálise ressalta (FREUD, 1910), em seus estudos sobre Leonardo, que quando o destino é o recalque, o interesse pela pesquisa permanece vinculado à sexualidade (sexualização do pensamento), transformando-se em *inibição neurótica* ou em *pensamento neurótico compulsivo*, o que obstaculiza a criatividade e a reflexão. Quando o destino é a sublimação, as conexões entre as pulsões e a curiosidade sexual infantil não são mantidas, fazendo com que a pulsão possa se orientar *livremente* para o desejo de saber (curiosidades intelectuais) ou para a criação artística.

Leonardo Da Vinci é escolhido por Freud para ilustrar não só a força constante da pulsão, mas também um modelo ideal de sublimação, já que sua curiosidade intelectual e sua obra artística são produtos do que Freud ressaltou como sendo a “atrofia de sua vida sexual restrita ao que poderíamos chamar de homossexualidade ideal”. (FREUD, 1910/1974, p.74)

Freud dá a dimensão clínica à sublimação em vários momentos de sua obra, como em um de seus artigos sobre a técnica, de 1912, quando adverte aos novos praticantes da psicanálise, em relação à ambição terapêutica, que o tratamento psicanalítico não deve ser dirigido à sublimação das pulsões, até porque algumas pessoas adoecem justamente porque não têm essa capacidade inata. E mais, ressalta que àqueles que têm essa capacidade, a sublimação surgirá como efeito espontâneo do tratamento:

Nem todo neurótico possui grande talento para sublimação; pode-se presumir que muitos deles de modo algum teriam caído enfermos se possuíssem a arte de sublimar suas pulsões. Se os pressionarmos indevidamente no sentido da sublimação e lhes cercearmos as satisfações pulsionais mais acessíveis e convenientes, geralmente tornar-lhe-emos a vida ainda mais árdua do que a sentem ser, de qualquer modo. [...]. Em minha opinião, portanto, invariavelmente, esforços no sentido de usar o tratamento analítico para ocasionar a sublimação da pulsão — embora, fora de dúvida, sempre louváveis — estão longe de ser aconselháveis em todos os casos (FREUD, 1912/1974, p.114)

Assim também ao se referir às fontes da sexualidade infantil, Freud destaca que os caminhos ao longo dos quais os distúrbios sexuais se aproximam de funções somáticas devem

também executar uma importante função na saúde *normal*. Devem servir como caminhos para a atração das forças pulsionais sexuais por objetivos não sexuais, isto é, para a sublimação da sexualidade. Aqui, claramente, atribui ao processo sublimatório uma direção a uma *normatização*, onde o que estaria em jogo seria a possibilidade de uma reconciliação das forças pulsionais e os imperativos da vida social. Mas ao mesmo tempo Freud declara que devemos terminar com a confissão de que muito pouco ainda se sabe com certeza sobre esses caminhos, embora eles certamente existam e possam provavelmente ser percorridos em ambos os sentidos

Após a virada de 1920, quando Freud introduz o conceito de pulsão de morte em sua teoria, apresenta em 1923, como vimos anteriormente, seu artigo fundamental, *O Eu e o Isso*. Nesse artigo o autor faz considerações sobre a possibilidade de haver mediação do eu no mecanismo da sublimação: “Em verdade, surge a questão, que merece consideração cuidadosa, de saber se este não será o caminho universal à sublimação, se toda sublimação não se efetua através da mediação do ego, que começa por transformar a libido objetal sexual em narcísica e, depois, talvez, passa a fornecer-lhe outro objetivo” (FREUD, 1923/1974, p.44) Para Lacan este parece ser um ponto de discordância ao que Freud propõe aqui, pois na elaboração lacaniana a sublimação não passaria pela relação especular, portanto pelo eixo imaginário, mas ao contrário a pulsão estaria vetorizada a *das Ding*, à dimensão do Real.

Nesse artigo também, *das Ich und das Es* de 1923, Freud traz a ideia do processo de desfusão pulsional, onde questiona se essa desfusão se desencadearia após a sublimação: “Após a sublimação, o componente erótico não mais tem o poder de unir a totalidade da agressividade que com ele se achava combinada, e esta é liberada sob a forma de uma inclinação à agressão e à destruição. Essa desfusão seria a fonte do caráter geral de severidade e crueldade apresentado pelo ideal — o seu ditatorial ‘farás’” (FREUD, 1923/1974, p.71)

Freud, ao descrever o que é a sublimação sempre ressalta que nessa vicissitude vai haver uma modificação quanto ao alvo, porém no artigo que escreveu durante o verão de 1922, com publicação em 1923, *Dois Verbetes de Enciclopédia*, nos quais, no segundo verbe, a *Teoria da Libido* ressalta o conceito de sublimação, faz uma importante observação no que diz respeito ao objeto:

A vicissitude mais importante que uma pulsão pode experimentar parece ser a sublimação; aqui, tanto o objeto quanto o objetivo são modificados; assim, o que originalmente era uma pulsão sexual encontra satisfação em alguma realização que não é mais sexual, mas de uma valoração social ou ética superior. Esses diferentes aspectos ainda não se combinam para formar um quadro integral. (FREUD, 1923/1974, p.57)

É importante salientarmos também a abordagem freudiana da relação da sublimação com o objeto. Se nas investidas pulsionais sabemos que o objeto da pulsão é indiferente e totalmente substituível, ao ressaltar o objeto no caso da sublimação, Freud nos sugere pensar que este destino pulsional dá ao objeto uma dimensão particular, no que este último revela o vazio que o suporta, como Lacan sublinha em seus ensinamentos.

Em o *Mal Estar na Cultura*, livro que começou a escrever no verão de 1929 e publicado em 1930, Freud tem como temática, sem dúvida, o conflito no sujeito entre o registro da pulsão e o registro da civilização. O que os homens pedem da vida e o que desejam nela realizar? Pergunta o psicanalista em seu ensaio de 1930. É para além de uma abordagem fenomenológica sobre a incompatibilidade entre indivíduo e cultura que Freud lida com a subjetividade do humano patológico, no que esta subjetividade dimensiona a inevitabilidade das potências da vida que desembocam na morte e na condição da existência da civilização ao domínio das pulsões mais primitivas. Poderíamos pensar a sublimação como a possibilidade da satisfação de um gozo já perdido pelo sujeito no processo de civilizatório?

Porém, se compararmos a concepção de sublimação neste artigo com o de 1908 (*Moral Sexual Civilizada*), podemos notar uma grande diferença que já vinha sendo delineada desde sua elaboração do conceito de pulsão de morte. Se em 1908 Freud supunha uma *harmonia* possível, mediante reforma, no sujeito entre pulsões e civilização, tendo a sublimação como a possibilidade de um enriquecimento subjetivo no registro da civilização em detrimento de seu empobrecimento erótico, no texto de 1930, esta visada é reformulada. Altera sua primeira versão do conceito de sublimação, apontando para uma outra economia, onde o processo de sublimação consistiria na transformação da pulsão de morte em pulsão sexual, de maneira tal que o erotismo e o trabalho de criação se tornariam possíveis. Não haveria, portanto, uma contradição entre erotismo e sublimação, mas sim uma nova articulação entre esses dois conceitos:

A sublimação da pulsão constitui um aspecto particularmente evidente do desenvolvimento cultural; é ela que torna possível às atividades psíquicas superiores, científicas, artísticas ou ideológicas, o desempenho de um papel tão importante na vida civilizada. Se nos rendêssemos a uma primeira impressão, diríamos que a sublimação constitui uma vicissitude que foi imposta às pulsões de forma total pela civilização. Seria prudente refletir um pouco mais sobre isso (FREUD, 1930/1974, p.118).

Tal como Freud, Lacan situa este mecanismo como uma particular forma de satisfação pulsional, prescindindo do recalque e desviada de seu alvo e objeto sexuais. Enfatiza a

plasticidade pulsional resgatada pela sublimação, diferente do recalque que provoca fixações e o que Freud denominou adesividade pulsional a certos objetos. Ressalta também, assim como Freud, a impossibilidade de sublimarmos tudo e a exigência de uma satisfação direta.

Entretanto, é na diferença entre objeto e *das Ding* que Lacan desenvolve o que ele chamou do “problema da sublimação”:

É na relação de miragem que a noção de objeto é introduzida. Mas esse objeto não é a mesma coisa que aquele visado no horizonte da tendência. Entre o objeto, tal como é estruturado pela relação narcísica, e *das Ding* há uma diferença, e é justamente na vertente dessa diferença que se situa, para nós, o problema da sublimação. (LACAN, 1960/1988, p.124)

Desse modo Lacan ressalta que, no nível da sublimação, o objeto é inseparável de elaborações imaginárias, culturais. É nesse sentido que as sublimações exercem sua função social, ao engodar no que diz respeito a *das Ding*. Mas não é aí, sustenta Lacan, nessa vertente de função imaginária, de engodo que um objeto criado a partir da sublimação busca seu móvel, pois a sublimação aponta para o que há para além do objeto – *das Ding*.

O campo de *das Ding* é o campo onde o princípio do prazer gravita. A Coisa, *das Ding*, em Freud, é o que está para além do princípio do prazer, é o que pode ser identificado como aquilo que funda a compulsão à repetição, numa tendência a um direcionamento ao reencontro do objeto outrora perdido, mas que na verdade é um desencontro, pois esse objeto não há.

Freud desde O Projeto ressalta que *das Ding* é justamente o que há em comum entre a representação-lembrança e a representação-percepção, entretanto sem ser redutível a uma ou a outra. É uma estrutura constante, porém não assimilável, o resíduo que escapa ao juízo. Está fora daquilo que é regulado pelo princípio do prazer.

Lacan, em seu Seminário da ética, chama atenção para uma nota onde Freud nos diz que para o homem moderno o relevo da libido está no objeto enquanto que para o antigo está na tendência. E é justamente aí que Lacan ressalta a importância de situar a sublimação. É esse ultrapassamento pulsional que está em jogo. Toda a teoria sobre o amor cortês, da qual o psicanalista lança mão em sua elaboração teórica sobre a sublimação, revela isso. Adverte-nos Lacan que toda a figura de Dama na literatura cortesã tem as mesmas características, “todos os poetas parecem dirigir-se a mesma pessoa” (LACAN, 1960/1988, p179), ou seja, a imagem da Dama é na verdade o que resta de um objeto esvaziado de todo traço imaginário que lhe determine qualquer atributo ou qualidade que a individualize. Nessa teoria Lacan encontra o que seu axioma expressa: a sublimação é elevar o objeto à dignidade da coisa. Ao contrário do

que se possa pensar, a Dama no amor cortês, enquanto paradigma da sublimação, está despojada de qualquer traço idealizatório, não ocupa o lugar de *Sachvorstellung* mas de das *Ding*

O psicanalista parisiense, portanto, radicaliza o conceito de sublimação no que ressalta que esse destino pulsional se dirige ao objeto que mostra sua perda, um objeto que traz em si sua negação (*objeto elevado à dignidade da Coisa*).

Essa Coisa, da qual todas as formas criadas pelo homem são do registro da sublimação, será sempre representada por um vazio, precisamente pelo fato de ela não poder ser representada por outra coisa – ou mais exatamente, de ela não poder ser representada senão por outra coisa. Mas em toda forma de sublimação o vazio será determinante. (LACAN, 1960/1988, p 145)

Lacan se reporta ao artigo de Heidegger *Das Ding*, A Coisa, que faz parte da coletânea intitulada *Ensaaios e conferências*, publicada em 1954. Essa coletânea reúne ensaios críticos e conferências proferidas por Martin Heidegger nos primeiros anos da década de 50.

Heidegger afirma que da tecnologia alcançamos a diminuição das distancias. Dessa diminuição, sobrevém o sentimento de ausência de proximidade a qual indica um questionar sobre as coisas. Para analisar a coisa, utiliza o vaso como recipiente. Do vaso como recipiente, chega ao vazio “O vaso é uma coisa. O que é o vaso? Dizemos: um recipiente, algo que acolhe em si algo distinto dele. Encontrar a essência da coisa não é encontrar o que é a coisa. Correr no encontro dessa essência é perder-se no mundo revelado por ela” (HEIDEGGER, 1958, p.195).

Sem se deter na perspectiva heideggeriana da revelação contemporânea do que ele chama de Ser, Lacan usa a metáfora do vaso, partindo da distinção elementar entre seu emprego de utensílio e a sua função de significante. O vaso, como primeiro significante modelado pela mão do homem, é puro significante e em nada significado, por não haver nada que o particulariza em sua função de significante. O vaso é o vazio que ele cria e como tal, cria o vazio a partir da perspectiva de preenchê-lo.

O vazio e o pleno são introduzidos pelo vaso num mundo, que por si mesmo, não conhece semelhante. É a partir desse significante modelado que é o vaso, que o vazio e o pleno, entram como tais no mundo com o mesmo sentido [...] (LACAN, 1960/1988, p.152).

O vaso só pode estar pleno na medida em que, em sua essência, ele é vazio, é nesse sentido que Lacan articula tanto a fala como o discurso como podendo ser plenos ou vazios. Partindo dessa metáfora, o vaso é o objeto que vem representar a existência do vazio no

centro do real que se chama a Coisa, esse vazio que se apresenta como o *nihil*, como nada. Cria-se o vaso em torno do nada, portanto o criador cria a partir do furo. A modelagem do significante é, desse modo, a introdução no real de uma hiância, de um furo: A introdução desse significante modelado que é o vaso já constitui a noção inteira da criação *ex nihilo*. E ocorre que a criação *ex nihilo* é coextensiva da exata situação da Coisa como tal. ” (LACAN,1960/1988, p.154)

A partir de reflexões sobre o pensamento heideggeriano Lacan nos faz supor que “no campo freudiano aquilo que recebe o nome de vazio é a Coisa” (REGNAULT,2004, p.73). E desde seu seminário a ética da psicanálise, 1960, o autor já delineia este campo como o campo do impossível, onde a sublimação marca o advento da Coisa, permitindo a apreensão do que há de real no objeto. “Podemos dizer que a sublimação é um movimento que transforma o impossível a escrever em uma espécie de escritura do impossível”. (SAFATLE, 2006/2005, p. 281)

Nos subcapítulos seguintes faremos a articulação da sublimação com conceitos de extrema importância para tentarmos compreender um pouco mais do que Freud nos diz a respeito desse avatar pulsional que pontua sua obra ora de modo enigmático ora de maneira tão clara que nos ajuda a entender melhor outros conceitos. Michel Silvestre em um artigo publicado na *Ornicar?* em 1979, dedicado a discutir a sublimação, com o título *Mise em Cause de la Sublimation, As implicações da sublimação*, inicia seu ensaio suscitando a pensarmos se a sublimação pode ser considerada um conceito ou não. Esclarecendo que para um termo alcançar o status de conceito deve ter ligação com toda a teoria da qual faz parte, sem contradições e sem duplo sentido ao ser empregado. E, sobretudo, em se tratando de um conceito psicanalítico, se ele pode ser observado na clínica, ou seja, de que maneira ele estaria implicado na clínica psicanalítica, “en quoi l’usage de ce terme est-il impliqué – en partie ou totalement - par la pratique psychanalytique”<sup>7</sup> (SILVESTRE, 1979).

Desse modo, entendemos que a sublimação não se limita a ser tributária de produções que incidem num contexto social. Como sublinha Silvestre, a sublimação não é um resultado é um processo que está para além disso. “Que l’être parlant se reproduise est un fait, mais qu’il persiste à chercher ce qu’il ne peut trouver, c’est une énigme. Peut-être la sublimation, pour autant qu’elle surgit de cette énigme, permet d’expliquer en partie cette obstination”<sup>8</sup> (SILVESTRE, 1979)

---

<sup>7</sup> Em que o uso desse termo está implicado – em parte ou totalmente – pela prática psicanalítica

<sup>8</sup> Que o ser falante se reproduza é um fato, mas que ele persista em procurar o que ele não pode encontrar, é um enigma. Talvez a sublimação, até porque ela surge desse enigma, permite explicar em parte essa obstinação.

### 3.1 Sublimação e idealização

Em vários momentos da obra de Freud parece haver uma aproximação entre sublimação e idealização, porém a *Introdução ao Narcisismo* (1914) permite uma oposição de maneira determinada entre esses dois termos: “a sublimação continua a ser um processo especial que pode ser estimulado pelo ideal, mas cuja execução é inteiramente independente de tal estímulo” (FREUD, 1914). Freud sublinha que, em relação aos quadros neuróticos, a formação de um ideal do eu e a sublimação são bastante distintos. Enquanto que o ideal aumenta as exigências do eu e constitui um poderoso aliado do recalque, pois o autor ressalta que para o ego a formação de um ideal é o fator condicionante do recalque, a sublimação encontra uma saída pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver o recalque.

Um homem que tenha trocado seu narcisismo para abrigar um ideal elevado do ego, nem por isso foi necessariamente bem-sucedido em sublimar suas pulsões libidinais.[...] É precisamente nos neuróticos que encontramos as mais acentuadas diferenças de potencial entre o desenvolvimento de seu ideal do ego e a dose de sublimação de suas pulsões libidinais primitivos; [...]a formação de um ideal aumenta as exigências do ego, constituindo o fator mais poderoso a favor do recalque; a sublimação é uma saída, uma maneira pela qual essas exigências podem ser atendidas sem envolver recalque. (FREUD, 1914/1974 p. 112)

Essa oposição está fundada sobre o suporte narcísico, isto é, o suporte libidinal da idealização, afastando desse modo ao máximo a sublimação do sexual. Mas essa diferença só se torna mais clara ao dissociarmos a pulsão do objeto. O ego ideal é formado, destaca Freud, por um investimento narcísico no objeto: “o que ele projeta diante de si como sendo seu ideal é o substituto do narcisismo perdido de sua infância na qual ele era seu próprio ideal” (FREUD, 1914/1974, p.108). É um processo de engrandecimento do objeto, sendo que este pode ser o próprio eu (libido do eu) ou um outro (libido objetal). Já a sublimação é um processo que diz respeito à libido: “Na medida em que a sublimação descreve algo que tem a ver com o instinto, e a idealização, algo que tem a ver com o objeto, os dois conceitos devem ser distinguidos um do outro” (FREUD, 1914/1974, p. 111)

Michel Silvestre destaca que o narcisismo é o fundamento corporal do amor. O ideal vai se constituir a partir do ideal de um corpo unificado e recalado, onde o objeto do amor é um reflexo dele. O objeto do amor, segundo Silvestre, incarna uma dupla atração que é apenas uma miragem redobrada: ele é o corpo que detém o que me faz desejar e, por consequência, é aquele em que eu suponho um saber sobre meu desejo sexual, saber cujo o acesso me é

radicalmente barrado. Já a sublimação é um processo pelo qual a *Drang* pulsional limita sua ação ao deslocamento do investimento, implica numa inibição do corpo como polo de uma satisfação libidinal.

Portanto, o ideal é um ponto fixo, mesmo que seja somente a esperança que ele alcança. A sublimação é um circuito, sempre a se refazer, mesmo se a satisfação pulsional, *Befriedigung*, é visada aí, pois essa última é, melhor dizendo, apenas o meio pelo qual o sujeito conta as voltas no circuito que ele percorre. A sublimação é uma via particular que encontra sua rota pela evitação de certos obstáculos, sendo a condição dessa evitação, sem dúvida, o prolongamento indefinido do trajeto.

### 3.2 Sublimação e recalque

Em seu artigo, *Os Três Ensaios sobre a Teoria da Sexualidade*, de 1905, Freud propõe três possibilidades diante da sexualidade infantil, o recalque, a sublimação e a perversão. Na primeira possibilidade as pulsões sexuais seriam recalçadas e este processo estaria diretamente ligado à idealização do objeto, enquanto que na sublimação essas pulsões seriam desviadas quanto ao alvo, um processo não concernido aos objetos, mas à tendência pulsional. Em 1914, o psicanalista afirma que “A teoria do recalque é a pedra angular em que assenta todo o edifício da psicanálise”, mas em se tratando de sublimação Freud destaca que a condição para que esse processo ocorra é que não haja recalque, ou seja, para que uma pulsão sofra o destino da sublimação ela não pode mais estar sobre a égide do recalque. Porém, quando destacamos essa exclusão em relação a esses dois processos, a qual recalque estamos nos referindo? Certamente ao recalque secundário, o qual Freud denominou do recalque propriamente dito. Pois se é condição para sublimação que haja um desrecalcamento é condição também para que a sublimação seja possível que tenha havido o recalque originário.

Desse modo, a sublimação desvia a pulsão para um alvo não-sexual, resgatando uma maior plasticidade e flexibilidade pulsional, ao contrário de uma adesividade libidinal ao objeto levada pelo recalque, que dá ao objeto simbolicamente contingente o estatuto de imaginariamente necessário. Assim sendo, a sublimação resgata a dimensão concebida por Freud do objeto pulsional, ou seja, um *objekt* totalmente indiferente.

O objeto [objekt] de um instinto é o que há de mais variável num instinto e originalmente não está ligado a ele, só lhe sendo destinado por ser peculiarmente adequado a tornar possível a satisfação. (FREUD, 1915/1974, p.143)

Esse processo de afastamento de um alvo sexual proporcionado pela sublimação, levado a sua radicalidade, produziria um distanciamento da referência fálica por parte do sujeito, ressituando-o em relação ao vazio, antes velado pelo objeto. Essa referência fálica diz respeito à experiência de objeto inscrita em uma lógica narcísica, pois segundo Lacan “a relação objetal deve sempre submeter-se à estrutura narcísica” (LACAN,1954-55, p.306). Desse modo esse objeto é investido falicamente, compondo o engodo narcísico. O que vem a ser isso? O falo é o significante que vem em suplência de uma falta ôntica de um significante que possa dizer o que é o sexual: “Toute curiosité est sexuelle, et la question que pose l’enfant à cette occasion n’est certainement pas laissée sans réponse:seulement cette réponse est unique et univoque: c’est la signification du phallus<sup>9</sup>.” (SILVESTRE,1979) O falo, portanto, faz limite entre o registro pulsional e o objeto que o sujeito se esforça para fazê-lo representante do sexual. No caso da sublimação, por ela não estar vetorizada ao objeto, mas sim ao vazio que a falta do objeto proporciona, tornando clara essa condição pulsional, se distingue da economia de um engendramento contínuo de substituição de objetos empíricos, imaginários, investidos falicamente, com a qual a pulsão recalcada, parcialmente se satisfaz.

Tomada como o resultado de um processo de *desrecalcamento*, a sublimação nos impõe uma distinção fundamental: a diferença que se estabelece entre o recalque originário e o recalque propriamente dito, entre *Urverdrängung* e *Verdrängung*, no que diz respeito à estrutura, o que nos conduzirá a situarmos o sujeito ora na dimensão do proibido ora na dimensão do impossível. Se pensamos com Freud num processo de desrecalcamento para a possibilidade da sublimação, só podemos estar nos referindo ao recalque propriamente dito, *Verdrängung*, o qual situa o sujeito no nível do proibido, das leis. O processo sublimatório dá ao sujeito a dimensão do impossível, da Lei, a partir do momento que coloca em jogo não o objeto, mas o vazio proporcionado pela falta de objeto.

No artigo, *A Denegação, Die Verneinung, de 1925*, Freud explora um caminho essencialmente importante para falarmos sobre a sublimação. É o que iremos discutir no capítulo seguinte.

---

<sup>9</sup> Toda curiosidade é sexual, e a questão que a criança coloca nessa ocasião, certamente, não é deixada sem resposta. Somente essa resposta é única e unívoca: a significação do falo

### 3.3 *Die Verneinung* e a sublimação

Em nosso estudo, onde o eixo de nossa pesquisa é a aproximação de dois importantes conceitos: sublimação e pulsão de morte, percorremos um caminho no qual tentamos não deixar de abordar noções fundamentais implicadas em nossa trajetória. Desse modo o conceito de denegação se impõe como imprescindível. *A Denegação*, que apesar de sucinto é um texto de Freud extremamente denso, foi escrito e publicado em 1925. *Die Verneinung* foi traduzido por *Negation* na edição inglesa. Em português encontramos *A Negativa* ou *A Negação* em diferentes traduções. O termo denegação para traduzir a *die Verneinung* freudiana, a qual adotamos em nossa pesquisa, foi sugerido por Jean Hyppolite, num estudo que este fez do artigo freudiano a pedido de Lacan em 1954. *A Denegação* é apontado por Lacan como de capital importância no que diz respeito ao que Freud indica nesse texto em relação a gênese do sujeito.

A ideia de se tratar de uma denegação e não de uma negação, como sugere Hyppolite, é que na verdade o que ocorre nesse mecanismo é a negação do que já foi negado uma vez. Em *A Denegação*, Freud, como praticamente o faz em toda sua teoria, parte de sua escuta clínica para concluir que uma ideia recalcada, de um paciente em análise, para abrir caminho até a consciência, o faz mediante a condição de ser negada: “A negativa constitui um modo de tomar conhecimento do que está reprimido [...] já é uma suspensão da repressão, embora não, naturalmente, uma aceitação do que está reprimido” (FREUD, 1925/1974, p.296). Dessa forma, através da denegação, Freud exprime como o intelectual se separa do afetivo. A denegação freudiana, como aponta Jean Hyppolite, é uma *Aufhebung*, “É a palavra dialética de Hegel, que ao mesmo tempo quer dizer negar, suprimir e conservar” (HYPPOLITE apud LACAN, 1954)

Freud parte do princípio de um *Ür-lustich*, de um eu-prazer original, que mesmo não sendo capaz de reconhecer o objeto enquanto tal é capaz de pronunciar-se em ato, apoiando-se nas tendências pulsionais orais mais primitivas, sobre suas qualidades, ou seja o bom é introjetado, *Einbeziehung ins Ich*, enquanto que o mau é expulso, *Ausstossung aus dem Ich*. Essa atividade binária que instaura o dentro e o fora se dá em função de um juízo de atribuição, sob um princípio de prazer-desprazer, que consiste em atribuir ou negar uma propriedade a uma coisa. Em seu livro *A Forclusão do Nome do Pai*, de 2009, Jean-Claude Maleval enfatiza que Freud, nesse artigo, inova, indo no sentido inverso à tradição filosófica,

inclusive de seu mestre Brentano, ao afirmar a premência do juízo de atribuição em relação ao juízo de existência.

Seguindo o raciocínio freudiano, iluminados pela leitura de Jean Hyppolite, o que está em jogo, portanto, nessa atividade binária de introjeção e expulsão sob o princípio do prazer é a gênese do interno e externo, onde Eros está na origem da *Bejahung*, na origem da apropriação ao invés da expulsão. Ressalta Hyppolite que no texto freudiano original, em alemão, a afirmação é a substituição da unificação, enquanto que a negação é sucessora da expulsão; a *Bejahung* é o *Ersatz* da *Vereinigung* enquanto que a *Verneinung* é o *Nachfolge* de *Ausstossung*. A primeira seria concernente às pulsões de vida e a segunda à pulsão de destruição, à pulsão de morte. Estes dois campos estariam entrelaçados “no mito que sustenta o sujeito” (HYPPOLITE apud LACAN, 1954). Para nossa pesquisa o importante nesse artigo, além de constatar a descrição da origem do amalgamento entre os dois campos pulsionais, é a ideia da sublimação como um processo que Freud prevê na gênese do sujeito, no seguinte sentido: a sublimação advém de uma a negação primordial, pois é o que introduz o sujeito no campo da ordem simbólica. O *não* como *marca registrada* cria uma certa independência em relação ao recalque. É pela negação, portanto, que o juízo de existência é estabelecido, constituindo o princípio de realidade pelo qual se torna possível o reencontro com o objeto: “o objetivo primeiro e imediato do teste de realidade é não *encontrar* na percepção real um objeto que corresponda ao representado, mas *reencontrar* tal objeto” (FREUD, 1925/1974, p.298). Para Freud é aí que se funda o pensamento, e isso se dá pela via sublimatória

Desse modo, esse *não* primordial seria da ordem de um recalque originário. A negação demarca o que se constitui enquanto representações do que foi incorporado pelo eu, a *Bejahung*, e o que fica fora, que é da ordem de um excesso, impossível de ser incluído, portanto de ser representado é o que se constitui como a *Verwerfung* estrutural. O recalque originário sendo esse *não* primordial é inerente a essa ordem simbólica anterior, *Bejahung*, que recalca, como foi dito anteriormente, o que foi expulso a partir da atividade binária de um ego-prazer original num processo de *Ausstossung* e *Einbeziehung*, expulsão e incorporação. A partir dessa operação podemos pensar numa sublimação, ou seja, na constituição do pensamento como um processo sublimatório, onde a ordem simbólica instauradora da lei de alternância baseada no significante se impõe ao ser humano antes mesmo que ele aprenda a articular a linguagem, sendo a denegação uma operação intelectual tardia, herdeira dessa negação primordial.

Após investigarmos tanto sobre a pulsão de morte quanto sobre a sublimação, dentro do escopo teórico que propomos, articulando com conceitos fundamentais em Freud e em Lacan,

passamos ao último capítulo onde tentamos identificar que relação pode ser encontrada, nestas obras, entre os dois postulados centrais do estudo.

#### 4 O ENCONTRO DA SUBLIMAÇÃO COM A PULSÃO DE MORTE EM FREUD E LACAN

É a partir da ideia de dessexualização, característica principal da sublimação, que podemos estabelecer uma ligação conceitual com a segunda teoria pulsional, na qual Freud estabelece o conceito de pulsão de morte. O autor afirma, desde a primeira vez que aborda a noção de sublimação, que ela é um processo que tem como objetivo desviar as forças da pulsão sexual de sua meta e emprega-las para outros fins. Desse modo, na sublimação, há uma inibição do alvo, e isso parece constituir um paradoxo, pois sabemos que o alvo pulsional é sempre sua satisfação, *Befriedigung*. A pulsão sublimada não estaria então dirigida para Eros? Parafraseando Michel Silvestre em seu artigo *Mise en Cause de la Sublimation* (1979), se a sublimação consiste numa suspensão da satisfação sexual, como não fazer a aproximação entre ela e a oposição à pulsão de vida – a pulsão de morte?

Na obra de Freud, encontramos construções teóricas onde podemos ressaltar a conjugação dos dois conceitos – pulsão de morte e sublimação. Nossa proposta é destacar as nuances nessas articulações e tentar desenvolver a interseção que se estabelece entre as duas noções.

Constatar que existe, em ambos os conceitos, um distanciamento do que é da ordem do sexual, é um primeiro passo que nos faz aproximar essas duas dimensões. Contudo, o que seria um afastamento do sexual, em se tratando de pulsão? Já trabalhamos nos capítulos anteriores, principalmente no que concerne à sublimação, o que Freud destaca como dessexualização da pulsão no processo sublimatório.

O caminho através do qual o material das ideias sexuais[...] é utilizado na representação dos interesses éticos[...] mais elevados do homem – isto é, aclarando assim um importante exemplo de sublimação das forças eróticas instintivas e de sua transformação em tendências que não podem mais ser chamadas de eróticas. (FREUD, 1914/1974, p.76)

Se seguirmos o raciocínio freudiano, trabalharemos no sentido do dualismo pulsional, mesmo que Freud ressalte, em 1920, que toda a pulsão em sua essência é pulsão de morte, ou seja, toda a pulsão tende a restabelecer um estado anterior. Seguindo a teoria dualista, trata-se de duas classes distintas de pulsão, que só podem operar estando fusionadas: “os dois tipos de instinto raramente – talvez nunca – aparecem isolados um do outro, mas que estão mutuamente mesclados em proporções variadas e muito diferentes, tornando-se assim

irreconhecíveis para nosso julgamento” (FREUD,1930/1974, p.141). Em *A Face Oculta do Amor*, Denise Maurano sublinha que há uma relação de participação entre vida e morte, que marca uma heterogeneidade no ser falante, manifesta no conflito entra as duas pulsões, que fazem o movimento da vida psíquica:

o desejo é atraído tanto pela morte quanto pela vida. Ele circula com seu movimento de “eterno retorno” a seu ponto de inauguração: o objeto perdido[...] O que se sabe é que enquanto há vida, há amálgama de pulsões, pulsão de vida e pulsão de morte na expressão do desejo (MAURANO,2000, p.177).

Considerando esse amalgamento pulsional, o processo sublimatório, ao se apresentar como um avatar que implica numa dessexualização, impõe uma des fusão pulsional. Este processo potencializa o que é da ordem da pulsão de morte, dando um status semelhante à pulsão sublimada. Desse modo, a pulsão sublimada, ou seja, dessexualizada, ao dirigir-se ao mundo externo, dá forma à produção (intelectual, artística, científica). Portanto, podemos inferir, que o processo de dessexualização da pulsão sublimada abre a possibilidade de uma outra manifestação para a pulsão nessa condição, a criação.

Em *O Ego e o Id* (1923), ao falar sobre a atitude ambivalente de amor e ódio, presente no psiquismo desde o princípio, e como um se transforma no outro, Freud lança mão da ideia de uma energia deslocável e neutra. Apesar de já termos tratado desse aspecto em capítulo anterior, faz-se necessário retomarmos aqui. Essa energia funcionaria a serviço do princípio do prazer e seria empregada para neutralizar bloqueios e facilitar a descarga: “Fizemos cálculos como se existisse na mente – no ego e no id – uma energia deslocável, a qual neutra em si própria, pode ser adicionada a um impulso erótico ou destrutivo qualitativamente diferenciado e aumentar a sua catexia total.” (FREUD, 1923/1974, p.59). Essa energia seria procedente de um estoque de libido narcísica, considerada como libido dessexualizada (o que parece uma ambiguidade, partindo do princípio que toda libido é sexual) ou “também podendo ser descrita como sublimada” (IBID, p.61) que reteria a finalidade de Eros estabelecendo a tendência a unidade, que é da ordem do sexual. Sendo assim, apresenta-se aqui um paradoxo: como a sublimação pode servir a Eros se em seu desvio com relação à finalidade sexual dimensiona, não a unificação, mas a diferença? E mais adiante, no mesmo artigo, ao supor a mediação do eu na sublimação, Freud faz uma afirmação que nos sugere que o eu, apoderando-se da energia sublimada, trabalha a favor da pulsão de morte:

a sublimação pode efetuar-se regularmente através da mediação do ego[...]A transformação [de libido erótica] em libido do ego naturalmente envolve um

abandono de objetivos sexuais, uma dessexualização [...] Apoderando-se assim da libido das catexias do objeto, erigindo-se em objeto amoroso único, e dessexualizando ou sublimando a libido do id, o ego está trabalhando, em oposição aos objetivos de Eros e colocando-se a serviço de impulsos instintuais opostos. (FREUD, 1923/1974, p. 61)

Poderíamos aventar a possibilidade de que a sublimação favoreceria a transformação da pulsão sexual em pulsão de morte? Diante dos paradoxos apresentados, o que nos possibilita identificar uma diferença basal entre sublimação e pulsão de morte é que a primeira traz a marca do recalque original. Uma pulsão sublimada, apesar de dessexualizada, continua referida a uma *Bejahung* estrutural, enquanto que, se é possível aventar a hipótese da pulsão de morte pura, esta só está referida a uma *Verwerfung* original (como vimos, esses dois conceitos, *Bejahung e Verwerfung*, anteriormente quando tratamos o conceito de denegação). A pulsão sublimada, então, ao se dessexualizar, adquire um status semelhante à pulsão de morte, porém não-toda. É por essa razão que não podemos sublimar tudo. Junto com a sublimação, há sempre uma quota pulsional sexual que tem que se satisfazer diretamente:

A plasticidade dos componentes sexuais, manifesta na capacidade de sublimarem-se, pode ser uma grande tentação a conquistarmos maiores frutos para a sociedade por intermédio da sublimação contínua e cada vez mais intensa. Mas assim como não contamos transformar em trabalho senão parte do calor empregado em nossas máquinas, de igual modo, não devemos esforçar-nos em desviar a totalidade da energia do instinto sexual da sua finalidade própria. Nem o conseguiríamos. E se o cerceamento da sexualidade for exagerado, trará consigo todos os danos de uma exploração abusiva. (FREUD, 1909/1974, p.50)

Já em Lacan, algumas diferenças aparecem, a partir do momento em que ele trabalha com o monismo pulsional. Para Lacan, toda pulsão é pulsão de morte. Como já indicamos anteriormente, a dimensão do conceito de morte em Lacan é distinta da de Freud. Enquanto que para Freud, essa força direcionada à morte é a tendência pulsional de retorno ao inanimado, para Lacan a morte é simbólica. É uma *morte* que marca a dissolução do poder organizador do simbólico, levando à ruptura do eu como formação imaginária. Em Lacan, a morte procurada pela pulsão é “o estado de diferenças livres quando elas não são submetidas à forma que lhes era dada por um Eu” (DELEUZE apud SATATLE, 2005/2006, p.277). Lembremos que, em Freud, o eu é constituído por Eros, que através da pulsão de vida se transforma em potência unificadora. Esse processo se dá através de mecanismos narcísicos. O eu é a imagem do outro, o que faz Lacan afirmar que Eros é uma ilusão própria do narcisismo e que “o ego é sempre alterego” (LACAN, 1955/1975, p.370). Contudo, o fato de toda pulsão

ser virtualmente de morte demonstra que há algo de irreduzível na relação do sujeito com os procedimentos de produção de sentido.

Dessa forma, adotando os paradigmas de Lacan, a pulsão de morte está referida a um campo específico que é o campo da Coisa, ao que é da ordem do impossível, termo que nomeia processos que não encontram lugar no universo simbólico. Essa impossibilidade é nomeada por Lacan como: a inexistência da relação sexual, o Real, A Mulher, o Outro-goza (termos que não é possível tratarmos aqui, tendo em vista a complexidade de cada um, exigindo um estudo mais extenso em outro projeto). E esse campo, o campo da Coisa, que está para além da cadeia significante, portanto o campo do irrepresentável, “onde tudo o que é lugar do ser é posto em causa” é o lugar eleito onde se produz a sublimação. (LACAN, 1960/1988, p. 262). Aqui podemos situar a interseção entre os dois termos, tanto a sublimação quanto a pulsão de morte convergem para o mesmo campo, o campo de *das Ding*.

Voltando a Freud, dentro de sua lógica da teoria pulsional, a sublimação, sendo uma vicissitude da pulsão, tem sua fonte numa borda sexualizada. O erotismo, portanto, está presente na fonte de toda pulsão antes de ser sublimada. Na medida em que a pulsão é sublimada, distinta do modo de satisfação de toda pulsão sexual, que se satisfaz contornando objetos empíricos, ela faz seu circuito em torno do vazio, que a falta do objeto imprime: “em toda forma de sublimação o vazio é determinante” (LACAN, 1960/1988, p.162). Desse modo, a pulsão encontra satisfação não-sexual, no próprio circuito, ou seja, a satisfação na sublimação não está no feito, no resultado, mas no processo, na tendência. Sendo assim, podemos concluir que a sublimação é um processo que subtrai o objeto antes introduzido numa relação de miragem. Esse objeto subtraído pela sublimação é o objeto que emerge da relação narcísica, de uma relação imaginária, intercambiável com o amor que o sujeito tem por sua própria imagem: “*Ichlibido* e *Objektlibido* são introduzidos por Freud com relação à diferença entre *Ich-Ideal* e *Ideal-Ich* e entre a miragem do eu e a formação de um ideal.” (LACAN, 1960/1988, p.124). Portanto, esse objeto que possibilita uma satisfação parcial da pulsão, não é o visado no processo sublimatório. Na sublimação o “objeto é instaurado numa certa relação com a Coisa que é feita simultaneamente para cingir, para presentificar e para ausentificar” (LACAN, 1960/1988, p.176).

Apesar da sublimação ser produzida no campo de *das Ding*, como afirma Lacan, ela não pode ser confundida com a *Verwerfung*: “Essa rejeição para fora de si de um real que vai contra o princípio do prazer” e que “produz um retorno que não é subjetivação, mas presença do Real sob a forma de alucinação, de delírio e de acting-out.” (SAFATLE, 2005/2006, p.284). Através da sublimação, distinto do que ocorre na *Verwerfung*, é possível, pela

simbolização, produzir um objeto, não-especular, que sustenta o vazio da falta de objeto, ou seja o advento da Coisa sob a forma de objeto não-especular. Desse modo a sublimação se aproximaria mais de uma *Aufhebung*, que sustenta essa dupla dimensão, da ausência e da presença, traduzida pela máxima lacaniana: “a sublimação eleva um objeto à dignidade da Coisa” (LACAN, 1960/1988, p.133).

Reafirmando que a pulsão sublimada está referida ao campo de *das Ding*, enfatizamos, mais uma vez, que esse campo é pertinente tanto a esse processo quanto à pulsão de morte. É importante ressaltarmos que Lacan situa a dessexualização ao indicar que a sublimação é um processo que se direciona a esse campo; um campo em que, na verdade, a sexualidade humana gravita. Contudo, sendo *das Ding* um campo impossível de ser apreendido, o que se apreende na sublimação é a negatividade do objeto. Dito de outro modo, na sublimação a satisfação pulsional se constitui a partir de um objeto que mostra sua perda. A negatividade do objeto, seja na dimensão pulsional, onde ele é indiferente, indeterminado, na definição freudiana, seja na dimensão do desejo, como objeto *a*, como causa de desejo, perdido desde sempre, como destaca Lacan, fica evidente na sublimação. Mesmo sendo dois registros diferentes, pulsão e desejo, o primeiro circunscrito no registro do Real o segundo no registro Simbólico, havemos de concordar que o estatuto do objeto nas duas referências, desejo e pulsão, se aproximam, no que diz respeito a sua negatividade.

Já vimos anteriormente que, para haver sublimação, é condição que não haja recalque, o recalque propriamente dito, *Verdrangung*, ou seja que aqui a pulsão não se confunde com a “substancia da relação sexual” (LACAN, 1959/1999, p.243). Desse modo, não há sintoma; uma pulsão sublimada não faz sintoma: “A sublimação caracteriza-se por uma mudança nos objetos, ou na libido, que não se faz por intermédio de um retorno do recalçado, que não se faz sintomaticamente, indiretamente” (LACAN, 1960/1988, p.119). O sintoma é uma formação que se dá pelo retorno do recalçado a fim de evitar a angústia, é resultado da manifestação de algo que retorna de uma dimensão interdita: “os sintomas só se formam a fim de evitar a ansiedade: reúnem a energia psíquica que de outra forma seria descarregada em angústia. ” (FREUD, 1926/1974, p.168). Porém, seguindo essa linha de raciocínio, a sublimação apesar de não fazer sintoma, tão pouco desencadeia angústia. Lacan ressalta na definição da sublimação como satisfação sem recalque que: “há implícito ou explícito, passagem do não-saber ao saber, reconhecimento disto, que o desejo nada mais é do que a metonímia do discurso da demanda”(LACAN, 1960/1988, p.352). A partir dessa afirmação, podemos definir a sublimação como um *savoir-faire* diante da impossibilidade de satisfação

do desejo, ou seja, é o reconhecimento de que o desejo é o de desejar, não é o desejo de um objeto ou outro, mas “a própria mudança de objeto em si”(LACAN, 1960/1988, p.352).

Mantendo-se no contexto da clínica, Freud indica ainda fenômenos que constituem a presença da pulsão de morte, sob a forma da reação terapêutica negativa, fenômenos do masoquismo, sentimento de culpa, e reconhece a infinitude dessa força pulsional ao ressaltar seu caráter inesgotável: “O que um dia veio à vida, aferra-se tenazmente a existência. Fica-se às vezes inclinado a duvidar se os dragões dos dias primevos estão realmente extintos” (FREUD, 1937/1974, p.261). Freud sempre se mostrou ciente das barreiras existentes no processo analítico. Em 1933, nas *Novas Conferências*, já dizia que nunca fora um terapeuta entusiasta e sempre ressaltou os interesses não terapêuticos da psicanálise. Assim também, em *Análise terminável e interminável*, 1937, enumera os obstáculos para uma possível ambição terapêutica, tratando a pulsão de morte como o fator impeditivo mais poderoso nesse processo. Se em Freud, como já situamos anteriormente, a pulsão de morte, na clínica, é o limite, para a clínica lacaniana é o ponto reflexivo central. Para Lacan, a função do desejo permanece numa relação fundamental com a morte: “o término de uma análise, o verdadeiro, quero dizer aquele que prepara tornar analista, não deve ela em seu termo confrontar aquele que a ela submeteu à realidade da condição humana? [...] *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem nessa relação consigo mesmo que é sua própria morte [...] não deve esperar a ajuda de ninguém.” (LACAN, 1960/1988, p.364).

Se aqui, Lacan faz a relação entre morte e desejo, também afirma que a sublimação é o reconhecimento do desejo como pura metonímia do discurso da demanda, ou seja, o desejo é a relação metonímica de um significante a outro. E nesse deslocamento, de um significante a outro, o objeto é subtraído. A sublimação, desse modo, é a única via pulsional, pela qual se pode suportar a irredutibilidade de uma falta ôntica do sujeito, dando ao objeto o seu estatuto real – *das Ding*. Mesmo potencializando o que é da ordem da pulsão de morte, ou seja, um vetoramento para *das Ding*, a sublimação permite um desdobramento do impossível, tendo em vista que ela dimensiona a potência criacionista da pulsão de morte. Seguindo a lógica do pensamento lacaniano, no que concerne à sublimação na sua interseção com a pulsão de morte, o objeto ao qual a sublimação dá forma, o objeto criado, será sempre um objeto estranho ao eu. Isso, na medida em que o objeto fruto do processo sublimatório comporta a negação dos objetos constituídos a partir de projeções narcísicas e, ao contrário, se constitui como aquilo que é não idêntico ao sujeito.

Estamos nessa barreira para além da qual está a Coisa analítica e onde produzem as frenagens, onde se organiza a inacessibilidade do objeto enquanto objeto de gozo

[...]. Para compensar, em suma, essa inacessibilidade, é para além dessa barreira que se encontra projetada toda sublimação individual, e também as sublimações dos sistemas de conhecimento, e por que não, do próprio conhecimento analítico. (LACAN, 1960/1988, p. 248)

Desde seu artigo de 1912, *Recomendações aos médicos que exercem a psicanálise*, Freud fala sobre a participação da sublimação na clínica, aqui orientando não ser indicado potencializá-la como meta no tratamento, uma vez que isso motivaria uma limitação da satisfação pulsional. Já em *Esboço de Psicanálise* (1938/1940), publicado após a morte de Freud, ele afirma que a capacidade do paciente de sublimar suas pulsões desempenha um grande papel no tratamento analítico.

Segundo Silvestre, a sublimação convoca o sujeito a procurar sua singularidade. Isto é, procurar o objeto único, que na verdade é um objeto impossível, restando ao sujeito, apenas, a significantizar sua singularidade na sustentação metonímica de seu desejo. Por isso, podemos dizer que a sublimação é um processo, um incessante recomeço:

existem momentos de aparição do objeto que nos jogam numa dimensão totalmente diversa [...] na dimensão do estranho. Este não pode ser apreendido de modo algum. Diante deste novo, o sujeito literalmente vacila, e tudo é questionado na chamada relação primordial do sujeito com qualquer efeito de conhecimento (LACAN, 1962/2005, p.70).

Desse modo, poderíamos pensar a sublimação na direção da cura dentro da clínica analítica? “Imagina-se Deus dizendo: A doença foi sem dúvida a causa final de todo anseio da criação. Criando, pude recuperar-me; criando, tornei-me saudável” (HEINE apud FREUD, 1914/1974, p. 102n).

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se iniciamos nossa pesquisa com a intenção de explorar o campo da criação humana, sob os postulados da teoria psicanalítica, durante o processo de elaboração dessa dissertação, uma necessidade mais premente se destacou. Isso nos exigiu que deixássemos a ideia inicial para um projeto futuro, e nos detivéssemos, em nosso estudo, de modo mais profundo, em dois postulados que serão fundamentais para um futuro constructo teórico sobre a criação – pulsão de morte e sublimação. Dois conceitos extremamente complexos, sendo a sublimação uma noção cercada de ambiguidades e paradoxos. Desse modo, nosso estudo, como já mencionamos anteriormente, priorizou sedimentar mais esses conceitos e indicar as possíveis aproximações que essas duas noções apresentam, tanto em Freud quanto em Lacan.

Após os capítulos em que buscamos dar forma às indagações que originaram esta dissertação, é chegado o momento de retomarmos um pouco nosso percurso. Instigados pelos paradoxos e obscuridades, mas ao mesmo tempo pela imprescindibilidade dos dois postulados em questão, tanto no registro da teoria como no registro da clínica psicanalítica, buscamos, no percurso freudiano e no ensino de Lacan, depurar, um pouco mais, como essas duas noções se engendram. O percurso freudiano, ao nosso ver, não é uniforme em muitas de suas linhas de investigação, embora apresente pontos que se mantêm constantes. Não só há uma série de discontinuidades que o perpassa e dá origem a novos encadeamentos teóricos, como há elementos que oscilam e permitem sua releitura em outros contextos. Porém, como dissemos, foram os desafios e impasses impostos, a respeito desses dois conceitos, que impeliram nossa busca nos textos de Freud, assim também como nos detivemos, mais profundamente, no Seminário 7 de Lacan.

Tanto o conceito de sublimação quanto o conceito de pulsão de morte se abrem para articulações muito importantes na teoria. Fim de análise, angústia, criação, são exemplos de temas que, se aprofundados, necessariamente implicam a abordagem dos dois conceitos em questão. Afirmamos isso, por termos constatado que, tanto a pulsão de morte quanto a sublimação, estão na gênese do sujeito. Como pudemos apreender, mais precisamente, nos estudos feitos sobre a denegação, tanto em Freud quanto em Lacan. Concluímos que a relação estreita que existe entre sublimação e pulsão de morte é tributária do vazio constitutivo do sujeito e sua relação com o desejo. Desse modo não podemos deixar de refletir a respeito do fato de Lacan ter teorizado, de forma mais abrangente, sobre sublimação, no seminário em que discute a ética da psicanálise, assim também como o faz com a pulsão de morte. Diferente

de Lacan, Freud discute os dois postulados em contextos distintos. Apesar de Freud em certos momentos de sua elaboração aproximá-los. Ele não se detém, como Lacan o faz, em implicá-los dentro de uma mesma lógica.

Se a ética da psicanálise é aquela à qual o sujeito não cede de seu desejo, a sublimação se apresenta como o avatar que possibilita a sustentação desse axioma. E não há outro caminho, segundo Lacan, de nos aproximarmos de nosso desejo, disso que carregamos como o que há de mais particular, de mais singular, senão nos aproximando também da morte (simbólica). Sustentar a dimensão desejanante é poder sustentá-la a partir da dimensão da pulsão de morte.

Tornando evidente que a satisfação pulsional se dá no percurso de seu próprio circuito, a sublimação é um processo que implica a negação do objeto empírico, formado a partir de projeções narcísicas. Desse modo, ela impõe ao sujeito a produção de um objeto não-especular, que comporta o vazio. Reafirmando aqui o que discorremos ao longo da dissertação, em consonância com Lacan, temos que: “a sublimação confere ao *Trieb* uma satisfação diferente de seu alvo [...] é precisamente o que revela a natureza própria de *Trieb* [...] uma vez que tem relação com a Coisa dado que ela é distinta do objeto” (LACAN, 1960/1988, p.140).

Após esse estudo, vislumbramos, para um projeto futuro, tratar da noção de criação a partir da articulação dos dois conceitos aqui fundamentados. Nele refletindo sobre a criação como sendo, em última instância, o resultado da defusão pulsional, onde a pulsão de morte não operaria em um empuxo à destruição, mas à criação, onde o objeto criado, a obra, permite, nos termos freudianos, um refusionamento das duas dimensões pulsionais.

A noção de criação, tema de tantas pesquisas e reflexões, sejam elas filosóficas, religiosas, artísticas, no que diz respeito à abordagem psicanalítica, é revelada sob uma perspectiva particular - em sua dimensão de *Unheimlich*, pois ao se apresentar, na obra, a cena, o que fica evidente é o descortinar da outra cena. É o sublime da obra trazendo à tona a in-dignidade da Coisa: “Ao apresentar-se no lugar de in-dignidade da Coisa, a obra faz uma promessa que ela não cumprirá totalmente, ela nos convida a refazer o que ela não é, enganchando-nos à maneira do amor, que é, para Lacan, sempre dar o que não se tem” (RIVERA, 2007, p.324).

Lacan, em seu *Seminário 7*, ressalta que “se tudo que é imanente ou implícito na cadeia dos acontecimentos naturais pode ser considerado como submetido a uma pulsão, dita de morte (porque é assim que Freud nos apresenta) é somente porque há a cadeia significante” (LACAN, 1960/1988, p.260). E seguindo por essa lógica, se tudo no mundo só é possível se

apresentar sob a forma dessa cadeia significante, devemos supor que há um para além dessa cadeia, um *ex nihilo*, sobre o qual essa cadeia se funda e se articula como tal. Diante dessas premissas, o autor conclui que a pulsão de morte é uma sublimação criacionista de Freud ligada a esse elemento estrutural descrito acima. O autor localiza, portanto, nesse ponto *ex nihilo* um ponto de criação do qual nasce o que é histórico da pulsão.

Na medida em que um objeto é criado, ele pode representar a Coisa ao invés de evitá-la, como pelo recalque (LACAN, 1960). Articulada com os conceitos apresentados nessa dissertação, a criação, na sua estreita relação com a pulsão de morte, seria dimensionada como uma experiência de *Hilflosigkeit*, tal qual a descrição lacaniana, em seu *Seminário 7*, sobre o término de uma análise. Transponho para a criação o que Lacan fala aqui sobre o verdadeiro fim de análise, sendo propriamente o que Freud, falando de angústia, designou como o fundo onde se produz seu sinal, ou seja, o *Hilflosigkeit*, a desolação, onde o homem nessa relação consigo mesmo, que é sua própria morte, não deve esperar a ajuda de ninguém.

Na criação, assim como no término de uma análise, a angústia já é uma proteção, não *Abwarten* (*espera*), mas *Erwartung* (*expectativa*) (LACAN, 1960/1988, p.364). A criação ocorre numa região limite, no nível do desamoramento absoluto, no nível da experiência última do *Hilflosigkeit*, onde a angústia não delinea mais um perigo, mas impulsiona, em última instância, o renascimento do sujeito, onde o autor é efeito de sua própria obra. Como ressalta Gérard Pommier em seu livro *O desenlace de uma análise*: “Assim, o momento da criação é aquele do nascimento do sujeito. Quer seja socialmente reconhecida ou não, a obra cria seu autor, ela anuncia sua existência mais intensamente que a problemática mensagem que pode conter” (POMMIER, 1987/1990, p.195).

Mas poderíamos pensar na criação de uma obra verdadeiramente original? Ou, o artista, ao produzir sua obra, sabe, de algum modo, que ela não coincide com o objeto original, ou seja, o objeto que não há, *das Ding*? Será sempre, a obra, uma cópia? Aqui fazendo alusão ao filme *Copie Conforme*, um filme de 2010, realizado por Abbas Kiarostami, onde o diretor monta uma espécie de armadilha, em que o espectador é sempre capturado por uma cena que nunca está lá, mas sempre alhures, trazendo para o centro da reflexão o que seria o original. O original é o inefável, ou como escreve Alain Didier-Weill, é o esquecido originário. Porém há um não-esquecimento, não do esquecido, mas do ato pelo qual se esqueceu, que a obra revela no “dom gracioso de uma nota de música que nos faz ouvir o inaudito ou de um toque de cor que nos entreabre o invisível” (WEILL, 1995/1997, p.296).

## REFERÊNCIAS

ANDREAS-SALOMÉ, Lou. *Lettre ouverte à Freud*, 1931. Paris: Lieu Commun, 1983

BIRMAN, Joel. *O Mal-Estar na Modernidade e a Psicanálise: A Psicanálise à Prova do Social*, 1998. Rio de Janeiro: Physis: Rev. Saúde Coletiva

CROMBERG, Renata. *O amor que ousa dizer seu nome*. São Paulo, USP, 2008

DIDIER-WEILL, Alain. *Os Três Tempos da Lei*, 1995. Jorge Zahar Ed, 1997

DUCHAMP, Marcel. O Ato Criador, 1965. In: BATTCOCK, Gregory. *A nova arte*. (Coleção Debates)

FREUD, Sigmund. *Projeto para uma psicologia científica*, 1895, v. I In: *Obras Psicológicas Completas*, Ed. Standard Brasileira, 1974

\_\_\_\_\_. Estudos sobre a Histeria, 1893/1895. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. II.

\_\_\_\_\_. A Interpretação dos Sonhos, 1900/1901. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. IV e v. VII.

\_\_\_\_\_. Três ensaios sobre a teoria da sexualidade, 1905. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. VII.

\_\_\_\_\_. Moral sexual “civilizada” e doença nervosa moderna, 1908. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. IX.

\_\_\_\_\_. Escritores Criativos e Devaneios, 1908. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. IX.

\_\_\_\_\_. Cinco lições de psicanálise, 1910[1909]. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XII.

\_\_\_\_\_. O caso Schreber e Artigos sobre técnica. 1911-1915. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XII.

\_\_\_\_\_. Recordar, repetir e elaborar, 1914. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XII.

\_\_\_\_\_. Leonardo da Vinci e uma lembrança da sua infância, 1910. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XI.

FREUD, Sigmund. Totem e Tabu ,1913, v. XIII. In: *Obras Psicológicas Completas*. Rio de Janeiro: Imago, 1974

\_\_\_\_\_. Conferencias Introdutórias sobre Psicanálise ,1916-1917. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XV-XVI.

\_\_\_\_\_. Os instintos e suas vicissitudes ,1915. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIV.

\_\_\_\_\_. Repressão ,1915. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIV.

\_\_\_\_\_. Luto e melancolia, 1917. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIV.

\_\_\_\_\_. O Estranho, 1919. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XVII.

\_\_\_\_\_. Além do Princípio do Prazer, 1920. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XVIII.

\_\_\_\_\_. O Ego e o Id, 1923. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIX.

\_\_\_\_\_. A perda da realidade na neurose e na psicose, 1924. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIX.

\_\_\_\_\_. A negativa, 1925. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XIX.

\_\_\_\_\_. O mal-estar na Cultura, 1930. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XXI.

\_\_\_\_\_. Conferencia XXXII, Angústia e Vida Pulsional, 1932. In: \_\_\_\_\_. *Obras Psicológicas Completas*. Ed. Standard Brasileira, 1974. v. XXII.

GAY, Peter. Freud: *Uma vida para o nosso tempo*, 1998. São Paulo: Companhia Das Letras, 2010

HEIDEGGER, Martin. A coisa. In: \_\_\_\_\_. *Ensaio e conferências*. Trad. Emmanuel Carneiro Leão, Gilvan Fogel, Marcia Sá Cavalcante Schuback. Petrópolis: Vozes, 2002

JORGE, M A C. *Fundamentos da Psicanálise* v. I, 2000, 2008. Rio de Janeiro: Zahar Editor

\_\_\_\_\_. *Fundamentos da Psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2010. v. II.

JURANVILLE, Alain. *Lacan e a Filosofia*, 1984. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1987

KIERKEGAARD, S. *A Repetição*, 1843. Portugal, Relógio d'Água, 2010

LACAN, J. *O Seminário, livro 1: escritos técnicos de Freud, 1953-54*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1983

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 2: o eu na teoria de Freud e na técnica da psicanálise, 1954-55*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

\_\_\_\_\_. *Hamlet por Lacan, 1958-1959*, Campinas, S.P., Escuta Editora, 1986

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 3: as psicoses, 1955-1956*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 4: a relação de objeto, 1956-1957*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1995.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente, 1957-1958*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1999.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 7: a ética da psicanálise, 1959-60*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1988.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 8: a transferência, 1960-1961*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 10: angústia, 1962-1963*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise, 1964*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985.

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 16: de um Outro ao outro, 1968-1969*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2006

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 17: o avesso da psicanálise, 1969-1970*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1992

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 20, mais, ainda, 1972-1973*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1985

\_\_\_\_\_. *O Seminário, livro 23: o sintoma, 1975-1976*, Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2007

LACAN, J. *Escritos*, 1966. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1998

\_\_\_\_\_. *Outros Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003

\_\_\_\_\_. *Nomes-do-Pai*, 1953/1963 Jorge Zahar Editor, 2005

LAPLANCHE/PONTALIS. *Vocabulário de Psicanálise*, 1967. São Paulo: Martins Fontes Editora, 1970

MALEVAL, Jean-Claude. *La forclusión del Nombre del Padre*. El concepto y su clínica, 2000. Buenos Aires, Editorial Paidós SAICF, 2009

MAURANO, Denise. *A Face Oculta do Amor*. A tragédia a luz da psicanálise. Rio de Janeiro, Editora UFJF, 2001

NETO, Oswaldo F. *Freud e a Sublimação*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007

PORGE, Erik. *Os Nomes do Pai em Jacques Lacan*, 1998. Ed. Companhia de Freud, 2005

POMMIER, Gérard. *O Desenlace de uma Análise*, 1985. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1990.

REGNAULT, François. Ex nihilo. In: IANINNI, Gilson (org.) *O tempo, o objeto e o avesso*: ensaios de filosofia e psicanálise, Editora Autêntica, 2007.

RIVERA, Tania. *Ensaio sobre a Sublimação*, 2007. São Paulo: Dossiê Filosofia e Psicanálise, Rev. Discurso 36

RINALDI, D. *A Ética da Diferença*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor e Editora da UERJ, 1996

SAFATLE, V. *A paixão do negativo*: Lacan e a dialética. 2006, Ed. Unesp

SILVA, Luis; GATO, Daniel. *Alquimia*: ciência ou seita?. São Paulo, USP, 2004

SILVESTRE, M. *Mise en Cause de la Sublimation*, 1979, Ornicar?, numero19/ 1979